

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – CURSO DE PSICOLOGIA

ANA MARIA DE ALMEIDA GUERRA

**SER VELHO, SER CREPUSCULAR...**

**SER HUMANO**

TEMPORALIDADE E VELHICE NA PSICANÁLISE

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – CURSO DE PSICOLOGIA

ANA MARIA DE ALMEIDA GUERRA

# **SER VELHO, SER CREPUSCULAR...**

## **SER HUMANO**

### **TEMPORALIDADE E VELHICE NA PSICANÁLISE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO COMO  
EXIGÊNCIA PARCIAL PARA GRADUAÇÃO NO CURSO  
DE PSICOLOGIA, SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DR.  
RAUL A. PACHECO FILHO.

SÃO PAULO

2009

*In Memoriam* à Prof.<sup>a</sup> Dra. Camila Pedral, com quem nasceu esta tese. Um grande obrigada pelas marcas deixadas e escritas de um lindo encontro!

## AGRADECIMENTOS

\* Ao Prof. Dr. Raul Pacheco Filho, orientador desta tese. Obrigada por toda a dedicação, entrega, seriedade e, principalmente, paciência com o meu tempo de compreender. Quantas orientações-aulas... Obrigada!

\* Aos amados pais Fernando e Celeste, incentivadores incansáveis. Forças necessárias e indispensáveis para a conclusão deste curso. Amor.

\*Aos amados irmãos e cunhadas/o: Carlos e Susan; Marco e Mônica; Yara e Willian. E aos amados sobrinhos Fernandinho e Bia. Todos, sempre presentes, dando muita cor e sabor à minha vida! Forte Família.

\*Ao tio João e, especialmente, à tia Sônia pela revisão do trabalho. Queridos tios.

\*Ao querido primo, irmão e amigo, Igor. Especial em sua intensidade de amar o amor e a vida. Obrigada pelo apoio, força e amor incondicionais.

\*Aos queridos tio Rui e tia Mitê, sempre próximos na distância do Oceano.

\*À Dona Albertina, de 104 anos, professora da vida! Semente desta tese...

\*À Janett, Rosângela, Carina, Maysa, Pauline e às gen Fê Carrilho, Jany, Jôyce, Juliana, Laís, M<sup>a</sup> Chiara, M<sup>a</sup> Fernanda, Maura, Millene, Tayná e Valesca. Viveram junto todas as etapas desta tese e a concluem, hoje, comigo.

\*À amiga Fê Carnevalli. Amor, amizade e apoio para além das palavras e tempo.

\*À amiga Jé. Apoio sempre certo no inesperado. Amizade tranqüila...

\*Ao amigo Abel, que na crise me passa com maestria a calma e a confiança.

\*Ao amigo Gu Menezes. Amizade eterna revelada no silêncio da palavra.

\*À mais nova e antiga amiga, Fê Rodriguez. No seu talento para a Amizade, ensinou-me o caminho do Fran's Café... Também possível... Quem diria!

\*Aos amigos: Caio, Cássia, Glazi, Lú Zeraib, Renatinha e Tainá. Trupe especial, parte fundamental da construção desta história, sempre cheia de boas risadas.

\*Ao corpo docente do curso de psicologia da PUC-SP, marcas indeléveis da formação acadêmica e profissional.

*"Quando o tempo avisar/ Que não posso mais cantar/ Sei que vou sentir saudade/ Ao lado do meu violão/ Da minha mocidade..". (Trecho da música "Folhas Secas", de Nelson Cavaquinho).*

**Obrigada a todos pelas marcas deixadas!**

Ana Maria de Almeida Guerra. **Ser velho, Ser crepuscular... Ser humano: Temporalidade e Velhice na Psicanálise**. 2009. Orientado pelo Prof. Dr. Raul A. Pacheco Filho.

## RESUMO

A presente tese tem como objetivo aprofundar, sob o viés psicanalítico de vertente lacaniana, como o velho vive a relação passado-presente-futuro dentro da concepção lacaniana de tempo lógico do *a posteriori* e da atemporalidade inconsciente. Para tanto, realiza-se, inicialmente, o estudo teórico.

Após a breve apresentação do processo de constituição do sujeito há a discussão sobre o que caracterizaria a velhice, nos âmbitos social - discurso Capitalista e Médico/Organicista - e do sujeito - a partir das hipóteses de alguns psicanalistas.

Na seqüência, aborda-se o que seria a temporalidade, onde se torna claro que não há uma temporalidade específica à velhice, mas apenas a temporalidade do sujeito. Neste aprofundamento, realiza-se a diferenciação entre os tempos cronológico, lógico do *a posteriori* e o atemporal do inconsciente, assim como suas conseqüências para a compreensão de passado/presente/futuro.

Conclui-se a abordagem teórica do tema com a proposta de leitura da velhice como Instante de Ver, momento em que o sujeito se depara com o seu saber sobre a castração.

Segue-se a análise interpretativa da autobiografia "*As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*" de Rubem Alves (2001). Nesta, revela-se o sentido de velhice e temporalidade do autor: a Beleza do crepúsculo, ou seja, vivência eterna do momento. Assim, conclui-se a tese com a necessidade de resgatar o sujeito barrado (sempre único em suas significações) das categorizações e significantes sociais. Retoma-se a condição de Ser humano, ser de linguagem, ser finito que os discursos e categorias tentam escamotear.

### PALAVRAS-CHAVE:

Velhice; Tempo Lógico; Atemporalidade; Autobiografia; Psicanálise.

## SUMÁRIO

### ***Instante de Ver...***

- 1. Introdução ..... p. 08
- 2. Método..... p. 18

### ***Tempo de Compreender...***

- 3. O Sujeito da Psicanálise e sua Constituição ..... p. 22
- 4. Velhice no Discurso Capitalista ..... p. 26
  - A) No discurso Médico/Organicista ..... p. 31
- 5. Definição de Velhice (?): Reflexões ..... p. 33
  - A) Desequilíbrio e Estádio do Espelho Quebrado ..... p. 36
  - B) Consciência de Finitude e Limitações corporais: subjetividade especial?... p. 38
  - C) Real do Tempo que Passa x Atemporalidade Inconsciente? ..... p. 41
- 6. Temporalidade do Sujeito do Inconsciente ..... p. 45
  - A) Tempo Cronológico, Atemporalidade Inconsciente e Tempo Lógico do A  
*Posteriori* ..... p. 45
  - B) Passado/Presente/Futuro ..... p. 48
  - C) *Time is Money*: Temporalidade Capitalista ..... p. 49
- 7. Sentir-se velho: Instantes de Ver ..... p. 52
  - A) Temporalidade (Na Velhice...) ..... p. 54
- 8. Tempo e Velhice em ***As Cores do Crepúsculo: A Estética do Envelhecer*** .p. 56

### ***Momento de Concluir...***

- 9. Considerações Finais ..... p. 63
- 10. Referências Bibliográficas ..... p. 68

**INSTANTE DE VER...**

## 1. INTRODUÇÃO

(...) *velho*, como o sujeito da velhice, destacando o sujeito, sua história pessoal, suas particularidades e seus aspectos psíquicos. (SOARES, 2004, p. 04).

Vivemos, escolhemos, lidamos com o nosso existir sempre dentro de uma temporalidade. Por mais que tentemos controlar o tempo através de sua contagem, ele, inevitavelmente, passa. Marca-nos, deixa efeitos sobre cada um de nós.

O tempo delimita nosso espaço de escolha e atuação, ele nos sinaliza, constantemente, a condição efêmera de cada momento. Entretanto, concomitantemente, mostra-nos que existem muitos outros momentos inimagináveis para se viver. Ele nos limita e nos liberta. Afinal, na vivência do presente há sempre o futuro, não previsível, não controlável, aberto a todas as possibilidades, mas também nos lembrando do fim de todas as coisas.

É neste âmbito da imprevisibilidade temporal que o passado, o presente e o futuro se encontram constantemente articulados na sucessão de "agoras" que vivenciamos (FERREIRA, 1998). Este é um viés fenomenológico de compreensão, uma forma de conceber a vivência da temporalidade como a singular experiência da relação entre os três tempos. Assim, viver-se-ia este presente:

toda e qualquer conduta humana, constituída por uma base (passado) que dá condições para que existam os sonhos e projetos (futuro) estimulando essa ação. É o agora. (FERREIRA, 1998, p. 14).

Esta não seria uma questão infância, já que nela o tempo seria feito de instantes, de pura vivência do presente. O período da adolescência, por sua vez, seria marcado pela abertura ao tempo futuro, à vasta gama de possibilidades de ser, de rumos. Porém, neste se encontra, também, a finitude. Na vida adulta,

ter-se-ia que lidar com esta mesma questão, pois, uma vez aberta, estará sempre presente: o fim existe.

E na velhice? Quando este tão dito futuro se apresentaria cada vez mais curto e menor do que todo o período que já se viveu? E a percepção de que neste futuro, (dito) nunca tão próximo, encontra-se o desconhecido do fim, da morte? Goldfarb<sup>1</sup> (1998) contribui com esta reflexão:

O tempo do envelhecimento está ligado à consciência da finitude, que se instaura a partir de diferentes experiências de proximidade com a morte durante a vida toda, mas que na velhice adquire a dimensão do iniludível. (...) Na pessoa mais idosa, o elemento mais angustiante é o estreitamento do horizonte de futuro, já não tem mais todo o tempo pela frente, só resta mais um pouco e pode não ser suficiente para abrigar tanto desejo. (p. 108).

O tempo se encurta. E a ilusão de que se é alguém que escapará do destino humano se tornaria insustentável. A finitude toma uma concretude nunca antes vivenciada, assim defende a autora.

Neste ponto da exposição, diversos questionamentos podem ser levantados: a consciência de finitude seria própria da velhice ou da forma como o discurso social define velhice? A morte, como fim, estaria próxima apenas àqueles chamados de velhos?

Percebe-se aqui um viés ainda preso ao envelhecimento biológico e ao discurso capitalista. O primeiro aprisionamento traz apenas a faceta do tempo que passa. Porém, sob o ponto de vista laciano esta temporalidade não seria a principal. Há o tempo que passa, *necessário*, mas há ainda o tempo lógico – oposto ao cronológico, subjetivo – e um tempo atemporal, a atemporalidade do inconsciente. Por fim, o segundo aspecto coloca a velhice como a única submetida à morte, reproduzindo o lugar no qual o discurso social a coloca: o da falta a ser tamponada, por denunciar o real do corpo.

---

<sup>1</sup> Aqui, refere-se ao artigo “Corpo e temporalidade: aporte para uma clínica do envelhecimento”.

Diante disso, amplia-se a questão de como os tempos são sentidos e significados. Neste cenário da velhice, como cada sujeito vive esta temporalidade?

Coloca-se, assim, a importância de se estudar o tema da velhice e da temporalidade – entendida como a relação entre o tempo passado, presente e futuro a partir da conceituação lacaniana de tempo lógico -, há uma relevância cultural, social e científica.

A população em estudo cresce em alta proporção no Brasil, devido à expectativa de vida cada vez maior, com a melhoria das condições de saneamento, saúde e alimentação. Entretanto, apesar do aumento crescente e de um prolongamento da vida cada vez maior, tem-se também uma exclusão social concreta – aposentadoria, abandono da família - e simbólica – desvalorização do velho crescente.

Reflete-se sobre o velho ocupar o lugar do resto, por trazer à tona o real ao qual o simbólico não dá conta. Assim, com este estudo, estar-se-á possibilitando, antes de uma mudança de olhar, um OLHAR propriamente dito para o velho. E isto é a primeira condição para que a sociedade e a ciência voltem a incluir o velho verdadeiramente em outra condição, a de sujeito.

Desta forma, a partir do momento em que o velho passar a ser olhado, formas de melhorar a sua qualidade de vida poderão ser criadas, buscadas ou, pelo menos, pensadas, tais como criar espaços onde este sujeito possa atuar e contribuir no/com o próprio contexto sócio-cultural. Deste modo, a tese teria a função de ser mais um movimento em direção à inclusão do velho e da velhice na sociedade, ou ainda, do resgate da estrutura faltante a qual todos estão submetidos.

Além disso, o estudo que se pretende aqui realizar poderá promover uma mudança dos significantes sociais que giram em torno do velho. Estes são limitantes e arrancam do mesmo a possibilidade de resignificação da vida, de atuação e construção da própria história. Portanto, se a imagem negativa ou idealizada do velho for modificada, também o seu valor e papel social o serão. O lugar do velho de **sujeito** que vive a velhice seria então resgatado.

Por fim, o tema se torna relevante também teoricamente, por colocar em estudo uma população dita rígida psiquicamente, sem plasticidade psíquica. A própria Psicologia divulga estes tipos de concepção. Porém, a relevância de colocar isto em questão não é acabar com divergências teóricas, mas sim de questionar o que estes tipos de proposições trazem para a vida concreta do velho e como limitam o trabalho do psicólogo com este.

Portanto, na presente pesquisa, a discussão do tema contribui diretamente com o trabalho do psicólogo com velhos, suas famílias e instituições, através das possibilidades de reflexão e compreensão da experiência do tempo na velhice.

Para a discussão do tema da vivência da temporalidade na velhice, faz-se necessário aprofundar o panorama no qual a velhice está inserida. Desde os significantes sociais a uma tentativa de compreensão das significações do próprio sujeito em torno da velhice, de seu corpo e dos outros.

Junto às questões já levantadas destaca-se não só o discurso capitalista sobre velhice, como já dito, mas o lugar ao qual o velho é circunscrito neste discurso, questão explorada por Manzochi (2001). Segundo o autor, os estereótipos de velho improdutivo, desatualizado, imutável, não capaz de aprender são extremamente presentes e fortes no contexto sócio-econômico-cultural em que vivemos. Como decorrência disto, o idoso ficaria cada vez mais alienado de seu próprio mundo. Algo que intensificaria e propiciaria ainda mais esta **imagem negativa** do velho é a aposentadoria, introduzida neste momento da vida. Rodrigues (2000) *apud* Manzochi (2001) descreve a influência da aposentadoria nesta imagem:

(...) resta o passado, não há para ele lugar no presente, nem perspectiva de futuro, pois é forçado a acreditar que está ultrapassado nos seus conhecimentos (...) ele passa a valer apenas pela lembrança do seu passado e juventude (...) velho improdutivo. (p. 21).

Para discutir aposentadoria, uma ressalva torna-se necessária: no âmbito do sujeito a vivência é única. Isto é, assim como um sujeito de 60 anos pode se aposentar sem experienciar desta forma o tempo, um esportista, uma modelo,

que se aposenta aos 30, 35 anos, poderia vivenciar a falta de perspectiva futura. A descrição do autor acima diria respeito não ao sujeito, mas ao lugar social que é dado ao velho.

Cada sociedade atribui uma significação diferente à velhice. No nosso caso, a sociedade capitalista atribui o valor do indivíduo à sua produtividade. Isto fará, portanto, o velho perder seu valor simbólico para a sociedade por ser visto como velho improdutivo, como o autor acima coloca. Essa representação social não define, mas traz efeitos à vivência da temporalidade, não só do velho, mas do sujeito contemporâneo. Ferreira (1998) contribui com este raciocínio: com a perda deste valor simbólico...

O velho é lançado ao passado, revisitando-o, porém não tem possibilidades de rearticular o presente e se projetar frente ao futuro; a sociedade é dura quando retira do indivíduo toda significação que sempre lhe foi constituinte. (p. 04).

Deste modo, o velho encontrar-se-ia “perdido” no tempo. Tiram-lhe as possibilidades de criação, mudança, resignificação e, principalmente, de continuar construindo a própria história. Há “(...) *uma forma de privação do tempo. Onde o futuro não é acessível e o passado não é significativo. Trata-se apenas de um tempo que passa.*” (MARTINS, 1998, p. 24). Mas será só esta a vivência temporal possível aos velhos? Além do tempo que passa, há um sujeito que significa o tempo de forma singular.

Tais articulações trazem em si a concepção de velhice como um período onde não haveria mais vida e onde todas estas possibilidades não seriam mais abertas. Existem limitações – como em todos os momentos da vida –, mas elas não impossibilitam o velho de buscar uma vida que lhe faça sentido, que seja prazerosa. Outra questão: por que as limitações passam nesta sociedade a pertencer aos velhos? O que está em jogo no discurso dominante?

O sujeito que vive esta velhice do imaginário social é colocado na grande categoria social do **idoso**. O que representa pertencer a tal categoria? Messy (1993) traz este questionamento:

A expressão – tão anônima! – ‘pessoa idosa’, designa uma categoria social, no sentido de uma corporação que agrupa os indivíduos que pertencem à mesma profissão, assim como o nome de um país serve de raiz para designar seus habitantes. Infelizmente esta composição de palavras faz desaparecer o sujeito com sua história pessoal, suas particularidades, seu caráter. A ‘pessoa idosa’ vira um habitante da velhice (...). (p. 18).

Assim, se o sujeito assume os estigmas que esta categoria social carrega, vivendo de acordo com ela, ele é jogado no passado. Isto, por não ver mais como uma possibilidade da vida o desejar, já que a este **idoso** o futuro estaria encerrado. O **idoso** da categoria social está fadado a esperar a morte.

Contraditoriamente a esta categoria social do idoso há ainda a estimulação da concepção do jovem eterno. Quando o velho adere a esta visão e nega a própria velhice, deixa de lidar com os limites que ela impõe e reafirma este ideal da sociedade. A estimulação deste ideal, por sua vez, não tem como objetivo promover melhorias para a qualidade de vida do velho e um novo olhar para ele, mas sim produzir um novo mercado de consumo.

Isto traz uma reflexão: tanto os estereótipos de velho improdutivo, desatualizado, imutável, e todos os outros que compõem a imagem negativa da velhice, quanto o ideal de juventude eterna são um NÃO-OLHAR para os sujeitos da velhice. Aqui se delinea uma questão mais latente no modo como a sociedade capitalista lida com a figura do velho: o repúdio à morte e a tudo que recorde a existência de limites - condições humanas - se estende à rejeição dos velhos (MESSY, 1993). Cria-se a ilusão de que apenas o velho possui limitações e que, durante toda a vida, tem-se todo o tempo pela frente e todas as possibilidades abertas. Como o psicanalista Messy (1993) aponta: “(...) o velho é o outro, em quem não nos reconhecemos.” (p.10). O velho passa, assim, a ser “proprietário” – exclusivo - da condição HUMANA de sermos seres finitos em nossas escolhas, tempo e vida. E ainda, seria a morte e a vida apenas biológicas? Há uma vivência que é simbólica...

Não obstante, a velhice seria o período de encontro com muitos desconhecidos além da morte – condição a qual todos estão sempre abertos e

tomada, inicialmente, como a morte biológica -: ser cuidado pelos filhos; perder o cônjuge, amigos; aposentadoria; entre tantos outros des-encontros com a vida. Entre estes, a psicanalista Soares (2004) enfatiza em sua tese um que marcaria o início da velhice: o encontro de um corpo estranho, modificado, com uma psique atual, não “velha”, um inconsciente atemporal. É uma significação da vida ainda pulsante em descompasso com o que se vê: um corpo imaginário modificado.

Assim, o corpo seria mais um desconhecido. Mas, além de um imaginário antecipado pelo Outro como corpo de velho, há um corpo real, que busca a impossibilidade da simbolização. Abordar o corpo para além de sua imagem traz implicações à forma pela qual se concebe velhice dentro da psicanálise, do discurso social e organicista. Implicações que serão aprofundadas nos capítulos.

Aqui, cabe ainda discutir o apoio e investimento dos ambientes na velhice – família, instituições, grupos de convívio, a própria sociedade,... A forma de viver a velhice modifica-se conforme estes diferentes ambientes. Messy (1993) coloca:

(...) Embora colocado em escanteio, o sujeito ainda não se sente indesejável [por algumas questões constitucionais explicadas pelo autor]. Sobretudo se é **apoiado por seu ambiente por investimentos adaptados à realidade**<sup>2</sup> (...) o indivíduo pode então elaborar cada uma das perdas, cuja frequência tende a aumentar: partida dos filhos, aposentadoria, morte dos pais e parentes, de amigos, do cônjuge, diminuição das capacidades corporais, intelectuais, etc. (p. 26).

Desse modo, pode-se considerar que o apoio do ambiente dado ao velho representa uma crença em todos os investimentos que o sujeito, independentemente do tempo que lhe resta de vida, podem ainda realizar. Isto é, são nesses espaços onde o velho é desejado que se constrói a concepção de que há **vida** na velhice. Neste, resgatar-se-ia o velho do passado em que é jogado, trazendo-o de volta à realidade, ao presente, por ser desejado e valorizado.

---

<sup>2</sup> Grifo próprio.

Tais fatores – crença e investimento - ajudariam, portanto, a elaborar a própria velhice, as perdas e os desconhecidos. Uma vez que este seria um ser atuante no mundo em que vive. Com isso se resignificaria o passado, o presente e o futuro.

Ferreira (1998) levanta os seguintes questionamentos:

É preciso lembrar que o indivíduo passa por uma grande crise ao entrar na velhice, e por isso também sofre. Mas, e a possibilidade de criar, de refletir, de significar, de re-significar as vivências? É possível sonhar na velhice? É possível elaborar projetos quando passado e futuro se articulam de uma forma tão particular? (p. 06).

Primeiramente, questiona-se: a entrada na velhice seria necessariamente uma crise? Todas estas possibilidades indicadas acima são o contrário dos estereótipos sociais, já que criar projetos de vida, sonhar, mostra-nos um velho que deseja, que com autonomia e responsabilidade ainda constrói a própria vida de acordo com a sua rede de significações. O velho, ao sonhar, estaria de volta ao presente e ao futuro, já que: *“se existe futuro existe vida, e por que não criar e viver o presente tendo como perspectiva um futuro que também é vida?”* (FERREIRA, 1998, p. 08). Assim, cabe o questionamento: através de quais experiências o sujeito da velhice estaria investindo na própria vida e, conseqüentemente, em seu futuro?

Ferreira (1998), Goldfarb (1998) e outros autores enfatizam a necessidade da valorização do futuro, como a forma de investimento na velhice. Todavia, Rubem Alves (2001) em sua obra *“As cores do Crepúsculo: a estética do envelhecer”* nos mostra o desejar na intensidade do momento presente, como veremos adiante... Portanto, o sentido de futuro já não se referiria a uma significação particular de temporalidade?

Em relação aos estereótipos da sociedade: o de velho improdutivo, imutável, inativo e incapaz de aprender, será possível a transformação, a mudança na velhice? Berlink (1996) contribui com este pensamento através do conceito de *envelhescência*. Este seria o trabalho psíquico do eu necessário de

movimento, criação, elaboração. Segundo o autor, a *envelhescência* seria um processo resultante do desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo que envelhece, seria um reconhecimento deste momento. Berlink (1996) melhor define tal processo:

A envelhescência se distingue do envelhecer porque este é considerado, em nossa sociedade, como um estágio da vida que é desprezível. (...) Na envelhescência, ao contrário, o sujeito se vê na contingência de ter que pensar sua velhice, ou seja, distingui-la do preconceito e do estigma para que possa ser vivida com um mínimo de dignidade. Esse trabalho de pensamento é, via de regra, um esforço solitário que pode enriquecer o mundo interno do sujeito. (p.07).

O que estou propondo, então, é que a envelhescência é uma recriação do eu diante das exigências pulsionais e as novas exigências do corpo que se aproxima da morte. (p. 08).

Assim, o velho não estaria fadado somente à rigidez psíquica. Pelo contrário, a *envelhescência* abriria a possibilidade de flexibilização do eu, a velhice seria mais uma etapa de resignificação, de enriquecimento de seu mundo interno, de vida, de criação. Aqui se delinea uma concepção de velhice como momento particular de recriação do eu diante do desencontro entre o corpo que envelhece e o inconsciente atemporal. Porém, este trabalho – envelhescência – não seria o trabalho de todos ao longo de toda a vida? Aquilo que escapa do simbólico, o real do corpo, acomete-nos desde que nos constituímos como sujeito. A recriação do eu é constante...

Desse modo, a partir da literatura levantada de diferentes vieses de compreensão, configura-se na velhice o seguinte cenário: estar próximo do desconhecido fim e de muitos outros desconhecidos, como o próprio corpo; perda de valor simbólico para a sociedade e de investimento dos ambientes; ter que lidar com um amplo leque de estereótipos e ideais que não condizem com a realidade singular de cada sujeito que vive a velhice; ser excluído do presente - por não ter mais serventia econômica - e do futuro - por nele se encontrar a morte; e, finalmente, ser jogado no passado. Observa-se que todas estas experiências afetariam a vivência da temporalidade e a significação da própria vida, assim como o que se faz dela.

Dessa forma, surge o problema da presente pesquisa: diante deste contexto, como o velho vive a relação passado-presente-futuro (temporalidade)? Há a vivência de ser jogado no passado? Se há a possibilidade de criação e movimento, há também a possibilidade de criação de projetos de vida e, portanto, de um cotidiano motivado por sonhos, desejos.

Todavia, considerando a falta de investimento do ambiente no velho, a exclusão pelo o que este representa, o futuro estreito e o cenário acima descrito, questionamentos se configuram: ao velho é permitido e/ou o velho se permite **DESEJAR na velhice**? Há desejo na velhice? E ainda, existiria a condição particular da velhice ou apenas sujeitos do inconsciente?

Assim, a partir de uma compreensão do que seria a velhice nos âmbitos social – do discurso capitalista – e o do sujeito – singular e estrutural - reflete-se se há, portanto, uma vivência de tempo própria a algum período da vida. Há **atemporalidade (da velhice)**? Ou apenas a temporalidade do sujeito? Desta forma, torna-se relevante aprofundar como se articula a temporalidade **passado/presente/futuro dentro da concepção lacaniana de tempo lógico do *a posteriori* e da atemporalidade inconsciente**. A estes questionamentos a presente tese visa propor novas formas de compreensão, reflexão e crítica.

## 2. MÉTODO

Para responder à pergunta de como o velho vive a relação passado-presente-futuro dentro da concepção lacaniana de tempo lógico do *a posteriori* e da atemporalidade inconsciente, realiza-se um **estudo teórico**, seguido da análise de uma **autobiografia**. O estudo e a análise interpretativa têm como norteador os pressupostos teóricos da psicanálise lacaniana.

Primeiramente, realiza-se o aprofundamento dos conceitos de velhice e temporalidade na teoria psicanalítica, com o intuito de construir um olhar teórico mais afinado, questionador e profundo acerca do tema. Para tanto, ter-se-á como referência alguns artigos dos *ANAIS DO V ENCONTRO INTERNACIONAL DOS FÓRUMS-ESCOLA DE PSICANÁLISE DS FÓRUMS DO CAMPO LACIANO* e, principalmente, as seguintes obras: *Corpo, Tempo e Envelhecimento*, de Goldfarb (1998); *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*, de Messy (1993); e *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*, de Mucida (2006).

Para tal aprofundamento, segue-se o seguinte percurso. Após a breve apresentação da noção de sujeito da psicanálise e seus principais conceitos – para melhor compreensão da análise posterior –, inicia-se com a discussão sobre a velhice nos discursos Capitalista e Médico/Organicista. Aqui se empreende uma compreensão da velhice no âmbito social, questionando os significantes com os quais é nomeada e que produzem efeitos na vivência do sujeito contemporâneo.

Na seqüência, para a reflexão do que definiria a velhice, no âmbito do sujeito, são apresentadas as teorias dos três autores já mencionados, Messy (1993), Goldfarb (1998) e Mucida (2006). Com eles, as hipóteses de “Desequilíbrio e Estádio do Espelho Quebrado”; “Consciência de Finitude e Limitações corporais: subjetividade especial?”; e “Real do Tempo que Passa x Atemporalidade Inconsciente?”, respectivamente, são questionadas.

Assim, parte-se para o que seria a temporalidade sob o viés da psicanálise. Neste capítulo, também se aborda a temporalidade no âmbito social

e estrutural, realiza-se a diferenciação entre os tempos cronológico, lógico do *a posteriori* e o atemporal do inconsciente, assim como suas conseqüências para a compreensão de passado/presente/futuro.

Com o aprofundamento dos principais temas da presente tese, suas implicações e questionamentos, conclui-se a abordagem teórica do tema com uma proposta de leitura da velhice e da temporalidade. Velhice como Instante de Ver, o que coloca em questão se há uma temporalidade específica à velhice.

Após estudo teórico, empreende-se a análise interpretativa da seguinte obra de Rubens Alves (2001): *As cores do Crepúsculo: a estética do envelhecer*. Visa-se com tal análise a busca, a partir da reflexão deste autor sobre a própria velhice, pelos sentidos do discurso na obra. Isto é, como o tempo é significado para este autor, sujeito da velhice, em toda sua singularidade.

A busca pela particularidade do autor na vivência da velhice já traz por si só a posição teórica adotada na presente pesquisa, pois a psicanálise, ao contrário da ciência moderna, interessa-se pelo o que é único em cada sujeito, mas antes e acima de tudo, interessa-se pelo SUJEITO propriamente dito (SAURET, 2003). Todavia, o sujeito da psicanálise é diferente das demais ciências. “A psicanálise o reintroduz [o sujeito], mas de uma maneira peculiar, como **sujeito do inconsciente**<sup>3</sup>, o que é diferente da representação que cada indivíduo tem de si” (COSTA e POLI, 2006, p. 15).

Tal concepção de **sujeito do inconsciente** – completamente singular - traz implicações metodológicas à tese. A partir de tais considerações, a autobiografia é vista como articulações do próprio autor a respeito de sua vida e experiências pessoais, mas também como processos reminiscentes da maneira pela qual busca representar, simbolizar e dar conta do encontro com o real, com as transformações do corpo e com as mudanças na relação com os outros e a sociedade, ocorridas na linha do tempo de suas vidas.

Sendo assim, são vistas, no geral, como tramas da expressão da consciência, mas também como **formações do inconsciente**, ou seja, “(...) expressões onde a ‘marca da presença’ do sujeito é indelével” (COSTA e POLI, 2006, p. 16). Portanto, a interpretação do discurso do autor tem como objetivo

---

<sup>3</sup> Grifo próprio.

buscar os sentidos do tempo e da velhice únicos de cada sujeito, conscientes e, de forma latente, inconscientes.

Com tal estudo espera-se ter uma compreensão mais profunda de como se dá na velhice a relação passado-presente-futuro, colocando em questão a própria conceituação de temporalidade da mesma, trazendo à cena não o velho, o idoso, a maturidade, mas o sujeito que vive e produz significações de forma singular.

TEMPO DE COMPREENDER...

### 3. O SUJEITO DA PSICANÁLISE E SUA CONSTITUIÇÃO

Quando esse olho [divino e eterno] se abre descobrimos que somos velhos não por causa do tempo que passa, mas porque dentro de nós moram eternidades. (ALVES, 2007, p.37).

O Complexo de Édipo<sup>4</sup> ocupa o lugar de eixo central da teoria psicanalítica por ser a matriz das relações do sujeito com o Outro, matriz trans-histórica. É através dele que o sujeito entra no laço social, constituindo-se como sujeito desejante. É uma estrutura que será para sempre explorada e diz respeito às nossas eternidades... Portanto, deve ser aprofundada para que se possam compreender as articulações e reflexões realizadas no capítulo posterior. Rapidamente, abordar-se-á o processo de Constituição do Sujeito<sup>5</sup>, segundo O Seminário de Lacan, livros 4 (1956-57/1995) e 5 (1957-58/1999), apontando as teorizações mais relevantes para a presente tese, sem contudo realizar citações diretas, uma vez que o objetivo do capítulo é dar um panorama geral.

Para que o complexo de Édipo ocorra e, conseqüentemente, o sujeito se constitua é pré-condição a passagem pelo **Estádio do Espelho**. Necessária para que a diferenciação eu/outro aconteça.<sup>6</sup> Aqui, o *infans*<sup>7</sup>, desconhecido de seu ser, mergulhado na indiferenciação – período do “corpo despedaçado” -, reconhece-se na imagem antecipada pelo Grande Outro, tomando-se como corpo uno. Para que isto ocorra torna-se, então, indispensável a presença do Grande Outro (A), aquele que coloca a criança no lugar de objeto de seu desejo. A criança diferencia-se do mundo na medida em que é desejada – função materna<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> Válido para a via neurótica.

<sup>5</sup> O processo de Constituição do Sujeito é uma releitura, empreendida por Lacan, do modelo freudiano de Desenvolvimento da Sexualidade Infantil.

<sup>6</sup> O autismo representa o aprisionamento nesse período de indiferenciação.

<sup>7</sup> Termo que Lacan utiliza para se referir à criança antes da aquisição da linguagem.

<sup>8</sup> **Função Materna** e, mais a frente, **Função Paterna** referem-se na teoria lacaniana não, necessariamente, aos pais biológicos, mas sim àqueles que exercem as funções normatizante e desejante.

Esta imagem produzida pelo olhar do Grande Outro, a qual a criança se identifica ao encarnar as expectativas maternas, constitui o **Eu Ideal**. Com esta imagem forma-se uma unidade corporal **imaginária**, dando bordas corporais às pulsões. Esta é a alienação originária. A criança toma como Eu a imagem produzida pelo Outro, protegendo-se imaginariamente de seu corpo real despedaçado. Esta imagem sofrerá transformações com o decorrer do Édipo e o que permanecerá é que a imagem, pela qual se representa, sempre será uma parte do todo, ou seja, algo sempre escapará à apreensão de nós mesmos: o **real**, o que nos foge. O exemplo disso se verá quando da entrada na velhice, abordada mais à frente.

Passada pelo Espelho, a criança adentra o Édipo. O Édipo, ordenado logicamente em três tempos, por Lacan, será o momento de circulação do falo na estrutura. Entende-se falo pelo o que imaginariamente complementaria o sujeito faltante. O falo é a representação da completude, do gozo não interdito e absoluto. É ter o meio de acesso ao objeto de prazer por excelência, máximo. É em torno dele que circula a problemática edípica.

No PRIMEIRO TEMPO do Édipo, a criança ocuparia o lugar do **ser o falo** materno. O bebê vive a ilusão da completude com a mãe. Esta completude é quebrada com a inauguração do SEGUNDO TEMPO edípico. A criança é desalojada do lugar de falo com a entrada do pai na relação, até então dual, como aquele que seria o falo materno. O pai entra como um rival incômodo com quem a criança disputa o local de quem tem o falo da mãe, sendo o privador, frustrador e interditor da mesma – função paterna.

Assim, segue-se para o TERCEIRO TEMPO do Édipo, onde da dinâmica de ser o falo passa a de **ter o falo**. O pai aparece como castrador, mas também como doador e permissivo. A partir da identificação da criança ao pai, este a separa do falo, recolocando-o em seu devido lugar: o de não pertencer a ninguém, é o significante da falta, o lugar impossível de preenchimento. Mas também lhe doa o Ideal de Eu – o “Dever ser”, reconhecendo seus diversos vir a ser - e as insígnias fálicas – possibilidade de buscar objetos de valor fálico.

Há a castração, a falta simbólica de um objeto imaginário. O pai **simbólico** instaura a metáfora paterna, chamada de **Nome-do-Pai**. Este entrará no lugar do desejo materno operando o recalque originário - a divisão

irredutível do sujeito<sup>9</sup>. O sujeito será para sempre barrado (\$). Com a instauração da **falta**, a criança entra na linguagem como sujeito do dito, sujeito desejante. A criança é remetida ao mundo para buscar através da linguagem os próprios desejos, sendo descomprometida, pelo pai, do desejo materno.

Nesta operação, o desejo da mãe constituirá o núcleo do recalcado e a cadeia significante será ordenada. Com a cadeia aberta ao sujeito, a criança produzirá os seus próprios significantes. Entretanto, estes estarão para sempre articulados ao recalcado, a uma significação irrepresentável em sua totalidade (segunda alienação estrutural: alienação na linguagem).

Com a linguagem haverá a possibilidade de nomear tudo em detrimento de algo permanecer para sempre inominável, irrepresentável. Algo permanecerá para sempre perdido, o **gozo**<sup>10</sup>. Mas nesta entrada há queda de um resto, inassimilável pelo significante, mas que buscará a constante significação: o **objeto a** causa do desejo, resto **real**<sup>11</sup>. Com a busca de **a**, fragmentos de gozo poderão ser recuperados – o mais-de-gozar.

Todavia a aproximação ao gozo ameaça o sujeito. Quanto mais este se aproxima do gozo, mais se distancia da via do desejo, ameaçando a sua condição de sujeito, que só existe sob a barra ao gozo. Isto, porque o gozo é da ordem do desejo de não desejar, por no desejar encontrar-se a falta, a impossibilidade de completude e de encontro com o objeto perdido. Assim, entrar na via do gozo – mercadorias, drogas, para tamponar a falta – é ameaçar a condição desejante. O objeto **a** nunca poderá ser alcançado, mas poderá ser revestido de objetos imaginários – fantasias (\$<>a) -, sendo “alcançado” em suas diversas formas.

Com a operação do Nome-do-Pai, há a escolha e a determinação pelas diferentes estruturas. Isto é, as diferentes respostas do sujeito à angústia da

---

<sup>9</sup> Com o recalque originário haverá a divisão eterna do sujeito entre: o sujeito da enunciação e do enunciado; do dito e do dizer; do latente e do manifesto; ou seja, do sujeito do inconsciente (*moi*) e do eu da consciência (*Je*).

<sup>10</sup> Gozo na teoria lacaniana não se refere ao prazer ou gozo sexual. Mas àquilo interdito ao sujeito falante, de ordem real – inalcançável e irrepresentável -, que refere o sujeito ao absoluto, ao não barrado, ao excesso, o que estaria acima da lei da castração. Na teoria lacaniana existem quatro tipos de gozo. O Gozo do Outro, completamente barrado ao sujeito; o Gozo Fálico, parte que se articula ao significante; o Mais-de-Gozar, recuperação de fragmentos do gozo perdido a partir do objeto **a**; e, por fim, o Gozo Feminino, não ancorado na castração.

<sup>11</sup> Lacan conceitua três registros, interdependentes, pelo qual a realidade se estrutura: o **Real**, o irrepresentável, impossível de ser articulado ao significante, mas que se faz presente nesta tentativa de significação; o **Simbólico**, a linguagem, registro da castração, âmbito dos discursos; e o **Imaginário**, lugar das imagens, fantasias.

castração e da falta. São duas as vias: a primeira é a do **Recalque**. Nesta, o sujeito sabe e recalca o saber sobre falta, formando a estrutura neurótica. Aqui a presença do pai, da norma, é convocada. Já na segunda via, há o **Desmentido**. O sujeito sabe, mas renega o saber da falta, constituindo a estrutura da perversão. Há a tentativa de se apropriar dos instrumentos do pai ao invés de se submeter a ele, dominando a lei.

Há ainda uma terceira estrutura, a da psicose. Esta, ao contrário das anteriores, constitui-se por outra via que não a do Édipo. Nesta, há o mecanismo da **Forclusão**. O sujeito sabe que existe a falta, mas recusa este saber forcluindo o Nome-do-Pai. Isto é, não há a convocação do pai. Desse modo, a operação de recalque do desejo materno pelo Nome-do-Pai não se efetua, permanecendo o inconsciente a céu aberto.

Qual é a lei da castração, que torna o Édipo trans-histórico? A lei de que não pode tudo, somos seres barrados, limitados. Algo sempre nos será impedido. O sujeito entra, assim, não só na dinâmica do desejo – incessante busca do objeto **a** inalcançável – mas no **pacto social**. Há a **Lei** que nos barra. Enquanto há lei, é barrado ao sujeito o gozo, e se sustenta, desse modo, a constituição desejante.

Conclui-se o processo de constituição do sujeito. A estrutura é formada, com marcas que jamais se apagarão, mas será para sempre explorada. O encontro com o saber sobre a falta dar-se-á em diversos momentos, trazendo conclusões e reposicionamentos subjetivos diferentes. Portanto, para o sujeito desejante o gozo lhe é sempre barrado. Através da via do desejo tenta significar o real que lhe escapa, o objeto **a** que não se alcança. Ser humano, **a falta-a-ser**, é esta condição faltante que torna o Édipo trás-histórico.

#### 4. VELHICE NO DISCURSO CAPITALISTA

(...) no Japão, quando um homem faz 60 anos, ele compra um blazer vermelho. Antes dessa idade ele não tem direito a essa cor – atributo dos deuses. (...) Por aqui é justamente o contrário. À medida que envelhecemos as cores devem ir ficando sóbrias e tristes. (...) A moda que a sociedade escolheu para os velhos é uma *preparatio mortis*. (...) Mas eu resolvi comprar o tal blazer vermelho. Resolvi mas não cumpri. Faltou-me coragem. (ALVES, 2007, pp. 83-84).

Temporalidade na velhice. Abordar o tempo na velhice exige o questionamento sobre o que é ser velho e o que é o tempo. Mas, principalmente, de que temporalidade se trata na velhice: a cronológica? Existe o velho? Pode-se pensar estas questões sob diversos olhares. Neste presente estudo será abordada, inicialmente, a velhice sob o ponto de vista do discurso capitalista<sup>12</sup> e, posteriormente, do ponto de vista do sujeito do inconsciente.

(...) velhice não é um estado biológico: é uma palavra ou significante. Como tal, não constitui uma condição biológica, do mesmo modo que as categorias de gênero. Ela define o lugar do sujeito na cultura e sua posição nas relações de dominação. E também nas demais relações sociais. (PACHECO FILHO, 2002, p.81)

A afirmação acima nos leva ao questionamento: qual lugar é dado na cultura capitalista ao sujeito intitulado de velho? Quais significantes rondam o sujeito contemporâneo?

A concepção de velhice, assim como a de criança, adolescente, adulto, modifica-se de acordo com cada momento histórico, cultura e longevidade de um povo. É comum na cultura oriental, por exemplo, o velho ser visto como aquele

---

<sup>12</sup> Entende-se **Discurso** como a forma pela qual cada sociedade ordena o gozo. O discurso, ao contrário da estrutura do Édipo trás-histórica, é histórico, temporal: remete ao laço social. Isto é, o discurso dominante e seu posicionamento diante do gozo modificam-se de acordo com cultura e decorrer do tempo. Tal conceito advém da Teoria dos Discursos, formulada por Lacan.

que detém o saber, o conhecimento sobre os mistérios da vida e deve, portanto, ser respeitado e honrado. Ao velho dá-se um lugar de importante destaque.

Na sociedade capitalista atual, por sua vez, a relação com a velhice chega a gerar a segregação cada vez maior do velho, como forma de tratar o insuportável ao qual a velhice é associada: a decrepitude mortal. Falar de velhice na contemporaneidade é se deparar com a imagem paradoxal de indivíduos a espera da morte ou de jovens eternos. Surgem, então, as diversas nomenclaturas - idoso, terceira idade, melhor idade, maturidade - junto aos diversos artigos de revista, jornais dando dicas de como evitar as insígnias da velhice, o mal a ser erradicado a qualquer custo.

'ser velho' em um momento histórico onde a velhice perdeu as atribuições próprias da sociedade tradicional, e onde parece ser mais uma 'invenção' social, uma categoria na qual é possível depositar tudo o que remete à inutilidade, à dor, à finitude e à morte e que é assim expulsa em direção às bordas, marginalizada. (GOLDFARB, 1998, pp.27-28).

Todavia, apesar das diferentes sociedades, Ângela Mucida (2006) nos mostra em sua obra que algo permanece em comum na relação das diferentes culturas com a velhice. A autora, após percorrer a história através, principalmente, da obra clássica intitulada "A velhice" de Simone de Beauvoir (1990), conclui que a velhice sempre se apresenta interligada com a idéia de morte de cada cultura.

Entre o horror, a decrepitude e o sagrado, a velhice vai sendo vestida por diferentes tecidos, alguns que a cobrem de um luto interminável e sofrível, outros pelos quais o sagrado e a experiência fazem valer as mudanças traçadas no corpo. De qualquer forma, persiste ainda nessas culturas o terror e o temor daquilo que a velhice expõe - a castração em suas variantes -, perda do vigor sexual, da força, da beleza, da agilidade enfim, do poder fálico em seus diferentes matizes. (Mucida, 2006, p. 70).

É possível notar a dificuldade estrutural dos seres de linguagem, e não somente dos chamados velhos, em lidar com o saber sobre a castração, condição

de limite ao falante. A partir do momento que acedemos à linguagem, podemos nomear tudo em detrimento de um resto permanecer para sempre inominável, o real (concepção lacaniana). Há, portanto, o real da morte, do corpo, do tempo que não deixam de se inscrever ao sujeito, mas que tomam a forma do indizível. Isto é, algo sempre escapa ao sujeito. Há, porém, particularidades na forma do discurso capitalista lidar com tal saber.

No discurso atual dominante, configura-se de forma diferente a relação com o objeto causa do desejo – objeto pequeno **a**. Ainda com Mucida (2006): *“Na contemporaneidade, esse objeto de pulsão, inalcançável, transveste-se de diferentes objetos que, mascarando a inexistência de um objeto adequado ao desejo, vendem a ilusão de que o objeto do desejo existe sob a forma dos objetos produzidos pelo mercado.”* (p.74).

Isto é, vende-se a ilusão de que o objeto do desejo - da ordem do real e, portanto, sempre parcial e inatingível – possa ser alcançado. O sujeito passa, assim, a ser determinado pelos objetos, enquanto acredita na ilusão de que não o é. Há um imperativo do gozo, vende-se a ilusão de que se pode recuperá-lo pela via da mercadoria. As mercadorias vestem-se, assim, como “verdades sem furos”, saberes absolutos, certos, na medida de “cada um” (MUCIDA, 2006). Saberes que escapariam aos limites da linguagem.

Escamoteia-se dessa forma a estrutura da falta de todo desejo. Ao prometer-se o encontro do sujeito com o seu objeto de desejo, este é vendido, transmitido como aquele que é alcançável, possível. São oferecidos aos indivíduos objetos que satisfariam plenamente a todos, que permitiriam a felicidade. Não existiria lugar nesta sociedade para a tristeza, a morte, a falta, os limites, o desprazer. Tudo o que desacomoda – de nossas certezas - deve e “pode” ser evitado com uma plástica, um carro, um estimulante, um produto certo a ser comprado.

Ao se vender objetos feitos para cada um e, ao mesmo tempo, para todos, apaga-se assim o que se quer calar: o sujeito do inconsciente. O sujeito faz questão, traz conflitos, evidencia a não plenitude na relação com o objeto, a inexistência de certezas. Isto é, evidencia que algo para nós sempre permanecerá não passível de significação. Assim, com a singularidade apagada

elimina-se a impossibilidade de saberes absolutos sobre o ser humano. As limitações passam a ser só de alguns...

Aqui o discurso capitalista atua. Vende fórmulas prontas de como viver, prontas para o indivíduo globalizado. Cala o que em cada sujeito não deixa de calar. Sendo assim, tudo o que recorda a existência do real deve ser excluído, para que a lógica do consumo se mantenha. É o que ocorre com a velhice. Ela escancara o real: do corpo que envelhece em uma sociedade de culto ao corpo jovem; do tempo que passa, na cultura do *time is Money*; e da morte – como o estudo das diferentes culturas acima mencionado indicaram -, fim de toda produção. A velhice não corresponde com a cultura capitalista, ela faz furo neste discurso e, então, deve ser ocultada.

Uma vez que os indivíduos passam a ser dotados da possibilidade de serem plenos, porque tudo pode ser resolvido com mercadorias, a velhice passa a ser a que detém a condição humana de seres que representam a falta e a morte. O velho é transformado naquele que não pode fazer tudo, pois tem muitos limites e está, apenas, à espera da morte. Mas quando na existência não há limites? Quando para nós a possibilidade de morrer está encerrada? E a morte, será só biológica?

O insuportável, a velhice, deve ser camuflada. Vende-se a idéia da juventude eterna, da “melhor idade”. A ciência ocupa-se de buscar formas de maquiar a velhice, ou melhor, maquiar o que enuncia a castração: plásticas, terapias rejuvenescedoras, Viagra, exercícios... Métodos para se viver bem a *melhor idade*, evitando que o indivíduo se deixe “abater” pela velhice, permanecendo jovem eternamente.

O grande triunfo da ciência é fazer calar tudo aquilo que fala’. Isso pode ser observado claramente na estrutura do discurso capitalista atual. Nessa direção – fazer calar tudo que fala -, o idoso é, sobretudo, aquele que tende a ser extraído mais rapidamente de sua condição de sujeito, tornando-se aquele que já passou de ‘seu tempo’. Ocupa-se da velhice para fazê-la calar, pois a ciência não trata o real, apenas o silêncio. (MUCIDA, 2006, p.80).

Portanto, a ciência faz calar tudo aquilo que expõe limites ao gozo, erradicando as insígnias da castração, tidas na atual sociedade como: cabelo branco, pele enrugada, costas curvadas... Silencia-se, assim, a condição humana.

Discutir os significantes que a sociedade capitalista atribui à velhice não significa, entretanto, uma descrição da vivência do sujeito nomeado como velho. Como acima mencionado, o sujeito é único, singular, não cabe em qualquer definição. O sujeito do inconsciente, sob o viés da psicanálise, não envelhece. O inconsciente é atemporal. Desse modo, o discurso atual não define formas de viver o que se comumente chama de velhice, mas traz efeitos.

(...) percebemos que na modernidade o velho não existe sob signos positivos de inclusão, não é considerado produtor de bens nem um consumidor importante (...). Perdendo seu valor social, perde seu valor simbólico positivo. Passa assim a ocupar um lugar marginalizado da existência humana, transforma-se numa espécie de sujeito em 'suspensão', sujeito sem projetos. Sem futuro, será então sujeitado pelo passado, que na forma de uma reminiscência repetitiva produzirá um discurso que perderá significação social se ninguém o escutar. É assim lançado a uma vida sem sentido, sem futuro, numa violenta marginalização do circuito do desejo. (GOLDFARB, 1998, p.28).

Os efeitos podem ser observados quando há uma identificação do "velho" com os significantes produzidos pela cultura. Quando o indivíduo: assume o lugar do que nada sabe, do que "já passou do tempo"; pára de investir no mundo e, ao não desejar, permanece à espera da morte; não valoriza as mudanças corporais, evitando-as ao máximo com cirurgias plásticas e outros artifícios. Essas são dificuldades em lidar com as mudanças corporais, as perdas, isto é, momentos em que a falta faz-se presente.

Todavia, uma ressalva é necessária: estes efeitos do discurso dominante atribuídos à vivência da velhice não são exclusivos aos chamados de velhos, mas sim dos indivíduos que vivem mergulhados na cultura capitalista. Dimensão que é possível notar em qualquer idade, não definindo o que seria velhice.

## A) VELHICE NO DISCURSO MÉDICO/ ORGANICISTA

No âmbito do sujeito, e não do discurso capitalista, a questão da velhice ganha outra dimensão. Para a reflexão do que seria esta vivência da velhice, primeiramente, uma diferenciação precisa ser feita: a noção psicanalítica de sujeito contrapõe-se a de indivíduo da medicina e das abordagens organicistas.

Na perspectiva médica, a velhice é compreendida no âmbito das perdas funcionais. O corpo é tido como ORGANISMO. Sendo organismo, algo comum a todos, o sujeito desaparece como fruto de uma ciência capitalista e cria-se um modo único de definir e vivenciar a velhice. Ideal para que as maquiagens padronizadas de camuflagem da velhice sejam compradas. Maquiagens que, uma vez compradas, escondem a falta e as limitações insuportáveis à sociedade.

Desta forma, qual configuração toma a velhice vendida? SENESCÊNCIA e SENELIDADE são conceitos da Gerontologia. Ciência especializada na chamada terceira idade. Mucida (2006) nos esclarece tais conceitos. O primeiro diz respeito ao *“processo fisiológico inelutável do organismo que acarreta modificações precisas, associadas a uma redução de todas as funções sem provocar doenças”* (p.23). E o último representa as patologias do envelhecimento.

Sob esta perspectiva, o velho é tomado como um organismo que decisivamente passará por tais processos. O corpo transforma-se, assim, em um determinante da velhice. Visão que se contrapõe à da psicanálise:

Para além do organismo, a psicanálise coloca em cena um corpo, atravessado pelo Outro, atravessado pelo desejo, pelo sofrimento, corpo habitado por um sujeito que tem uma maneira própria de conduzir o real. (MUCIDA, 2006, p.25)

Sob o viés psicanalítico, o sujeito não é um corpo, ele tem um corpo. O ser humano é um ser de linguagem, tudo é atravessado por esta ordem a qual o

sujeito ascende. Não existe o corpo sem o sentido que lhe é atribuído, ou seja, na condição humana não há o puramente biológico. Este é tomado pelo desejo do Outro e, portanto, pela linguagem, sendo a ela submetido. O corpo real escapa à possibilidade de descrições no nível biológico do envelhecimento. A flacidez da pele, o cabelo branco, a ruga, são descrições que não são capazes de contemplar a vivência singular do sujeito com seu corpo, se descoladas deste. No âmbito do sujeito nada é previsível.

A ação do tempo sobre o corpo somático de um animal qualquer produz transformações que se pode acompanhar (...). Mas são apenas rebaixamentos funcionais. No ser humano, porém, essas mudanças podem ser acompanhadas de sofrimentos absolutamente específicos, derivados da sua capacidade de refletir sobre sua própria condição e de atribuir a ela um juízo valorativo. É por isso que o sofrimento pode, inclusive, antecipar-se a qualquer déficit somático e biológico importante. (PACHECO FILHO, 2002, p.73)

Sendo assim, o envelhecimento biológico não define a velhice. Podem surgir os primeiros sinais do que seria a velhice, mas sem estes serem vividos como tal, ou o inverso, viver a velhice sem as suas marcas corporais. A fala de uma paciente, a quem atendo, ilustra essa realidade corpórea: *“Eu nunca faria uma plástica para apagar as minhas rugas. Eu gosto das minhas rugas. Cada ruga mostra uma história da minha vida.”* Para ela, as rugas não são sinais de decrepitude física como são socialmente vistas, mas como marcas que a lembram de sua história.

## 5. DEFINIÇÃO DE VELHICE (?): REFLEXÕES

(...) Vivemos no tempo, é bem verdade. Mas é a eternidade que dá sentido à vida. Eternidade não é o tempo sem fim. Tempo sem fim é insuportável. Já imaginaram uma música sem fim, um beijo sem fim, um livro sem fim? Tudo o que é belo tem de terminar. Tudo o que é belo tem de morrer. Beleza e morte andam sempre de mãos dadas. (ALVES, 2007, p. 162).

O que definiria, então, a velhice? Existiria tal definição?

O discurso capitalista traz alguns significantes que, como vimos acima, não contemplam a vivência do sujeito, mas indicam um lugar que é dado aos chamados velhos e à singularidade na presente cultura, produzindo seus efeitos. As limitações, a condição de espera pela morte indicam a dificuldade de uma cultura capitalista em lidar com uma condição estrutural do ser humano: a de seres faltantes, incompletos.

Há ainda outro significante da cultura que, geralmente, aparece como uma marca – e assim vivido por alguns - de entrada na velhice: a aposentadoria. Parar de participar da economia como aquele definido pelo o que produz. Novamente, não seria isto algo insuficiente para definir a velhice? Por exemplo, os esportistas e modelos que aos trinta já estão velhos para sua profissão e se aposentam. Não seriam estes também velhos? Velhos aos trinta e já, possivelmente, sofrendo com as mudanças corporais.

Existe também a perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento, que define marcas e comportamentos esperados para cada etapa da vida. Erik Erikson, um dos representantes desta abordagem define oito estágios de desenvolvimento. A cada etapa, uma crise psicossocial seria vivenciada pelo indivíduo. A velhice seria caracterizada pela crise da *integridade versus desesperança* diante do fim biológico.

O oitavo e último estágio no esquema eriksoniano (...). O senso de integridade decorre da capacidade do indivíduo de apreciar em retrospecto toda a sua vida com alto grau de satisfação. Na outra extremidade [desesperança] fica o indivíduo que revê a própria vida como uma série de oportunidades e direções perdidas. (PEREIRA, 2005, p. 78).

A Psicanálise – viés do presente trabalho -, por sua vez, não se enquadra nesta abordagem. Primeiramente, porque esta não concebe o sujeito como bio-psico-social, já que o sujeito desde o seu nascimento está mergulhado no campo do Outro, isto é, na linguagem. O sujeito não existe, portanto, sem o social – isto é, fora de sua alienação estrutural - e nunca se apresenta na forma puramente biológica. Por isso, não é homem bio-psico-social que responde às fases pré-estabelecidas, mas sujeito.

Ao sujeito como ser de linguagem sempre restará algo da ordem do real que permanecerá impassível de simbolização. Conseqüentemente, a cultura será incapaz de dar conta deste “resto” que o simbólico é incapaz de dar. É este “resto” real que tentará ser camuflado pelo discurso da ciência, como, por exemplo, na categorização da velhice. Aí está o mal da cultura, pois se tentará escamotear o que faz furo com a ciência e a mercadoria, colocando o velho no lugar deste resto não simbolizável a ser eliminado.

Não obstante, as primeiras marcas psíquicas deixadas no sujeito pelo Outro nunca se apagarão com a passagem das “fases” evolutivas. Elas sempre persistem, insistem, retornam. E destas marcas restará sempre uma impossível de ser significada, mas que não deixará de incidir sobre o sujeito buscando a significação. O que torna o “desenvolvimento” sempre progressivo e regressivo e não evolutivo.

Por fim, retomando a citação acima (PEREIRA, 2005), no âmbito do sujeito não podemos falar de comportamentos esperados, muito menos de crises esperadas. A crise acima descrita, por que seria ela exclusiva à velhice? Podemos encontrar tanto um sujeito que se questione sobre seus feitos todo Natal, assim como um que passe a vida inteira sem se repensar. Portanto, cada comportamento e marca só pode ser compreendida a partir das significações próprias de cada sujeito, não havendo um ciclo de desenvolvimento com crises como comum a todos.

Não obstante, mudanças corporais e fim biológico da vida não são suficientes para a definição da velhice, já que o sujeito não é um organismo, mas tem um corpo sempre atravessado pela linguagem. Por tal condição, cada marca e transformação corporal só podem ser compreendidas à luz da cadeia associativa de cada sujeito e a morte deixa de ser compreendida apenas biologicamente.

A partir do momento em que a existência humana é revestida de sentido, diferencia-se a morte biológica da simbólica. Pode-se estar vivo, sentindo-se morto... Biologicamente, podemos morrer desde o instante em que nascemos. Simbolicamente, podemos ser eternos. A morte não é algo do velho. Somos todos nós seres para a morte.

Sob a perspectiva psicanalítica de sujeito do inconsciente, também não será possível encontrar a definição de velhice. Como Freud atenta, o inconsciente é atemporal, não sofre os efeitos do tempo<sup>13</sup>. Ao sujeito a via do desejo nunca é fechada, o desejo é indestrutível.

Desde cedo, Freud apresentou suas hipóteses psicanalíticas sobre o tempo, retomadas posteriormente por Lacan. (...): 1- o inconsciente não conhece o tempo, é atemporal, intemporal (...); 2- a concepção de indestrutibilidade do desejo, – extensivo aos processos inconscientes – que não estão submetidos aos desígnios do tempo (...). (TEIXEIRA, 2008, p. 105).

O sujeito é sujeito do inconsciente, não envelhece. O que definiria então a experiência do chamado velho? Alguns autores – entre eles, Messy (1999), Goldfarb (1998) e Mucida (2006) - arriscam algumas hipóteses sobre o que seria a entrada na velhice. Estas são abordadas nos tópicos abaixo. Assim, a partir das reflexões propiciadas por tais autores apresenta-se no capítulo posterior -“*Sentir-se velho: Instantes de Ver*” - o que se considera como velhice no presente trabalho.

---

<sup>13</sup> A noção de temporalidade para a psicanálise é aprofundada no capítulo 6 “Temporalidade... (na velhice)”.

## A) DESEQUILÍBRIO E ESTÁDIO DO ESPELHO QUEBRADO

Jack Messy, em sua obra *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice* (1999), antes de qualquer explanação sobre o tema, coloca como necessidade resgatar o sujeito escondido na categoria social do idoso, ou seja, o sujeito com a sua singularidade. Concepção psicanalítica já abordada anteriormente.

Outro aspecto que o autor coloca em relevo – também importante para que possamos compreender sua tese – é a diferenciação entre envelhecer e velhice. O primeiro é, segundo ele, um processo de aquisições e perdas - investimentos e desinvestimentos objetais, respectivamente - pelo qual todos passam desde o seu nascimento, dado pela passagem do tempo cronológica. O segundo, a velhice, seria um estado, a posição do indivíduo idoso.

O autor diferencia os termos, pois coloca que tratar ENVELHECIMENTO e VELHICE como sinônimos, confundindo os termos, é “*fortalecer uma ilusão de salvação em que, pretensamente, só os velhos envelhecem... e já que os velhos são os outros...!*” (MESSY, 1999, p. 23). De acordo com Messy, essa confusão reflete a forma da sociedade atual lidar com a velhice: repúdio ao que tem parentesco com a morte. Isto é, deslocando o envelhecer para a velhice, e o velho, sendo o Outro, livrar-se-ia das “tramas do tempo”.

Vê-se em Messy uma linha de pensamento similar à abordada até então. Olhar para o sujeito e diferenciar a condição humana de seres faltantes da velhice. O autor, após tais considerações, cria sua hipótese sobre o que seria a velhice e, conseqüentemente, a entrada nela.

Após descartar as possibilidades de definição da velhice por meio de critérios etários e pela própria percepção do sujeito – uma vez que a percepção modificar-se-ia conforme os investimentos libidinais -, Messy define a velhice como momento de ruptura do envelhecimento. “*(...) o aparecimento da velhice aconteceria por ocasião de uma ruptura brutal do equilíbrio entre perdas e aquisições.*”, (MESSY, 1999, p. 30).

Na velhice haveria um desequilíbrio. Haveria uma perda marcante, de difícil elaboração que, junto às outras perdas relacionadas à velhice, levariam o sujeito ao crescente desinvestimento no mundo. Enfim, momento em que o sujeito não conseguiria simbolizar o real das perdas. Todavia, é importante notar que o autor ressalva que nem todos passariam por esta ruptura, o que acarretaria em não entrar na velhice, e que a entrada ocorreria, para cada sujeito, em um momento distinto.

Questiona-se aqui o porquê do desequilíbrio de investimento ser necessariamente um marco de entrada na velhice. Não seria esta uma possibilidade aberta a todos os seres humanos? Uma criança que perde os seus pais poderia encontrar dificuldade em simbolizar o real das perdas. Um chefe de família que perde a sua casa, parentes em desastres naturais, por exemplo, também poderia encontrar dificuldade em investir no mundo diante de tais perdas. Isto é, o desequilíbrio entre perdas e aquisições pode ocorrer na chamada velhice, mas não a definem.

O autor ainda descreve uma experiência que seria própria da velhice. Ocorreria em plena maturidade como decorrente da entrada na mesma: o Estádio do Espelho Quebrado.

Pequenas perdas atribuídas à velhice, como certas restrições e diminuição de possibilidades corporais, sensoriais e motoras, adquirem no caso seu significado total. Essas falhas vêm reativar a imagem entrevista, que não é mais a de um ego ideal, mas a de um *ego feiúra* revelado pela queda do ideal. Aliás esta percepção antecipada da fragmentação faz ressurgir o fantasma do corpo fragmentado, causa da angústia, vivido retroativamente pela criança no espelho. (...) fantasma da fragmentação, percebido através do medo da dependência. (MESSY, 1999, p. 34).

De acordo com o autor, haveria um horror diante da própria imagem modificada. Seria antecipada ao sujeito uma imagem que, ao invés de sustentar a unidade corporal, faria ressurgir o fantasma do corpo despedaçado. O velho seria remetido ao período anterior ao estágio do espelho. O sujeito, não encontrando mais nenhum respaldo que sustente a sua imagem, se depararia com o corpo da morte, o qual, nesta etapa da vida, evidenciar-se-ia sem retorno.

Novamente, coloca-se em questão a tese apresentada. A passagem pelo Espelho Quebrado pode ser sim o momento de entrada no que Messy consideraria como velhice, mas seria exclusiva da maturidade, como o autor a define? O corpo, além de imaginário, precisa ser visto em seus outros dois registros, o simbólico e o real.

É possível observar, principalmente, na sociedade contemporânea, sujeitos chamados de velhos pela cultura, que morrem sem se considerar parte desta nomenclatura. Ou melhor, que nunca se encontram com o corpo da morte. Por outro lado, encontramos também alguns que com vinte anos já temem morrer a qualquer instante e encaram cada pequena transformação corporal como um aviso. E ainda, encontram-se hoje em revistas meninas e meninos cada vez mais novos já preocupados com os sinais do envelhecimento. Que imagens lhes estão sendo retornadas?

Por fim, e mais importante, o retorno da imagem fragmentada não ocorreria também na adolescência, em casos de obesidade, anorexia, amputação – respeitando a singularidade de cada caso? Um sujeito que sofre um acidente e fica com alguma deformação corporal não poderia encontrar no espelho horror à imagem na qual se identifica como “EU”?

Sendo assim, as concepções de ruptura do envelhecimento e de estágio do espelho quebrado mostram-se interessantes para descrever possíveis vivências do sujeito desejanste. Todavia, não os colocaria como exclusivos à velhice, sendo insuficientes para defini-la, se tal definição for possível...

## **B) CONSCIÊNCIA DE FINITUDE E LIMITAÇÕES CORPORAIS: SUBJETIVIDADE ESPECIAL?**

Délia Goldfarb inicia sua obra *Corpo, tempo e envelhecimento* (1998) com o questionamento sobre o que definiria a velhice. Para teorizar acerca do conceito, a autora traz alguns referenciais – biológico, psicológico, social -, que

se mostram, segundo ela, insuficientes, indicando a impossibilidade de a velhice ser suficientemente contemplada em alguma categoria ou definição. Isto, por não existir o estado "ser velho", com algo pronto, mas sim o "ser envelhecendo". Coloca, assim, a existência de diversas velhices, com possibilidades inesgotáveis, próprias de cada sujeito.

Apesar de não definir o que seria a velhice, dando ênfase ao sujeito do inconsciente, Goldfarb (1998) postula a existência de uma subjetividade especial do velho. Algo particular a tal condição:

Observamos que os velhos mais saudáveis são aqueles que, apesar de possuírem uma clara consciência de sua finitude, continuam fazendo projetos possíveis dentro dos limites de sua particular expectativa de vida, e fundamentalmente de suas possibilidades vinculares. (...) Então, se falamos de investimentos em objetos possíveis, falamos de um tipo de vínculo que cria uma subjetividade especial do 'ser velho', (...) que se relaciona fundamentalmente com as limitações corporais e a consciência de finitude. (p.78).

A morte biológica, como algo pertencente a todos nós, gera, obviamente, uma expectativa de vida cada vez menor com o passar dos anos - apesar de estarmos abertos a ela desde o nascimento. Devido a esta lógica, quem de fora vê a velhice pode atribuir a ela a condição de proximidade com a morte. Todavia, se atentarmos para o sujeito, o lógico ganha outra lógica.

A consciência de finitude mencionada pela autora como algo do "ser velho" pode ou não ser encontrada em qualquer período da vida. É possível encontrar um "velho" que não possui tal consciência e que pode morrer sem tê-la. Assim como um "jovem" que acredita poder morrer a qualquer instante e que se submete a exames e regimes compulsivamente, por exemplo. Seria, então, este jovem um velho, devido à consciência de finitude?

Não obstante, falar em consciência de finitude é conceber a morte em um âmbito estritamente biológico. Como dito acima, a experiência de se sentir morto em vida, ou de se permanecer vivo além da morte biológica, através de uma obra, de um nome, são experiências abertas a todos os seres de linguagem. A

partir do nascimento, o biológico é subvertido pela linguagem e a morte passa a ser revestida de um sentido subjetivo.

Goldfarb menciona também as limitações corporais como definidoras desta subjetividade especial. É notável que o corpo sofra conseqüências com a passagem cronológica do tempo, como a transformação da pele, da estrutura corporal, dificuldade na marcha... Porém, deve-se atentar aqui para duas questões: primeira, tomar tal limitação corporal como definição de uma subjetividade é desconsiderar a possibilidade de se possuir limitações corporais durante toda a vida. Seria um rapaz de trinta anos com paralisia cerebral – acometido de diversas limitações corporais e com expectativa de vida reduzida – um velho? Segunda, coloca-se a mesma questão da morte. O sujeito que vive a limitação corporal a sente como tal? Temos um corpo que, além de biológico, é imaginário. Neste, a passagem do tempo pode não ter os seus efeitos.

Sendo assim, pode-se perceber nesta visão a reprodução de alguns dos significantes sociais atribuídos à velhice. Novamente, a condição humana de limite é atribuída à subjetividade do velho, independente da forma que tal limitação ganhe – consciência de finitude ou limitações corporais. Mas, como demonstra a teoria psicanalítica, o sujeito, em qualquer idade, é um ser para sempre faltante e, portanto, constantemente limitado.

A autora ainda aborda em sua obra como seria a entrada nesta condição de “ser velho”.

Pelo fato de ter vivido muitos anos, nos ‘sabemos’ velhos, no espelho podemos ‘ver’ que o somos, mas podemos jamais nos ‘sentir’ velhos se algum acontecimento – que será anunciado pelo outro e que se inscreve no registro das perdas – não vier a construir este marco. A velhice, então, não tem idade fixa ou conveniente para começar, e cada sujeito inaugura o ‘tempo de ser velho’. (GOLDFARB, 1998, p.116).

No trecho acima se evidencia esta impossibilidade de circunscrever a velhice, já que a entrada nela não seria fixa, igual a todos os sujeitos. A entrada nesta experiência seria completamente subjetiva, podendo inclusive não ocorrer.

Este é um ponto que corrobora com os questionamentos até então levantados neste trabalho acerca do que definiria (ou não) a velhice no âmbito do sujeito.

Porém, contraditoriamente, vê-se ainda no discurso de Goldfarb uma associação desta experiência à passagem do tempo, à passagem de “muitos anos”, o que faz retornar às questões já levantadas. O que é chamado de velhice pela autora é exclusivo àqueles que já enfrentaram muitos anos de vida, aos que são chamados socialmente de velhos?

### C) REAL DO TEMPO QUE PASSA X ATEMPORALIDADE INCONSCIENTE?

Ângela Mucida nos traz importantes reflexões sobre a velhice em sua obra *O sujeito não envelhece: Psicanálise e Velhice* (2006). A autora inicia a mesma com uma discussão sobre a conceituação de velhice, buscando alguns pontos de vista da psicanálise.

Após abordar a velhice como efeito do discurso social, Mucida destaca a impossibilidade de definição da mesma por meio dos significantes sociais, mas coloca em relevo os seus efeitos<sup>14</sup>. Diferentes para cada sujeito, concepção que se contrapõe à idéia de velho como uma categoria social. A idade cronológica também não seria um marcador da velhice.

A partir destas considerações, Mucida busca alguns autores da psicanálise: J. Messy – já citado neste presente trabalho - e M. Mannoni. Com tais autores se evidenciam as seguintes formulações: velhice como um “estado de espírito”, o que não implicaria uma entrada obrigatória na velhice; entrada na velhice como um momento de ruptura brutal, de desequilíbrio entre as aquisições e perdas; e por fim, entrada na velhice como morte do desejo.

Mucida (2006), por sua vez, critica tais concepções. Segundo ela, apesar de se poder sentir a velhice aos 20 e aos 90 anos, a inscrição temporal seria diferente nos dois casos. A partir de certa idade alguns projetos se tornariam

---

<sup>14</sup> Aqui, não será aprofundada a relação da velhice com o discurso social. Tal aspecto encontra-se abordado no capítulo anterior: “*A velhice e o discurso capitalista*”.

inviáveis, trazendo uma realidade que não seria colocada aos mais novos: o luto do que poderia ter sido ou do que se foi. Essa experiência poderia trazer o crescente desinvestimento no mundo, ocasionando a morte psíquica, ou seja, morte do desejar.

Todavia, Mucida atenta para o fato de que a entrada na velhice não implica necessariamente na morte do desejo, esta seria apenas uma possibilidade e não uma obrigatoriedade. Ainda se contrapondo às concepções acima apresentadas, a autora critica a idéia de desequilíbrio na velhice. Tal definição traria uma ação negativa a ela, indicando a impossibilidade de inscrição do novo e de resignificação, possibilidades, segundo a autora, sempre abertas ao sujeito. Por fim, defende que a velhice seria um momento pelo qual todos passariam.

Sem descartar a importância das teorias de Messy e Mannoni, a autora ainda considera que a maior contribuição é exatamente a de estes psicanalistas reforçarem o “caráter indestrutível do desejo”, independente de uma idade. Segundo Mucida a velhice implicaria, então, em “saber vestir esse desejo”.

Assim, a autora elabora sua concepção de velhice. Tomando o sujeito do inconsciente com seu desejo indestrutível e as conseqüências da passagem do tempo que, segundo ela, trariam uma vivência particular da velhice, haveria um embate.

Para exemplificar, a autora empenha uma reflexão sobre Freud e a sua velhice. Este, apesar do real de um corpo que se deteriorava, da dor, do real da morte, sustentou os seus desejos até o fim, reinscrevendo sobre o já escrito. Produziu textos até a sua morte. A experiência de Freud e as outras reflexões acima citadas levam Mucida ao que seria a questão central da velhice, o embate: o encontro do inconsciente atemporal com o real do tempo que passa e marca. *“Há, pois, um encontro com a atemporalidade do inconsciente, que ‘quase’ não deixa espaço à velhice ou que tenta desconhecê-la, mas há algo do temporal e inevitável.”* (MUCIDA, 2006, p.44).

Tal conflito teria sua implicação: viver a velhice como uma prova de realidade, uma vez que a falta começaria verdadeiramente a faltar. Isto é, na juventude e na vida adulta se sustentaria a ilusão da imortalidade, a ilusão de

um tempo sem fim para realizar o que se deseja e a velhice, por sua vez, representaria a prova de realidade em si. Haveria uma atualização da problemática da castração, devido à tensão colocada pela velhice entre o Eu temporal e o Isso atemporal. A velhice seria assim associada "(...) *à vivência de finitude (...) seja pela impossibilidade de se adiar a realização do desejo, seja pela idéia da morte real.*" (MUCIDA, 2006, p.35).

Assim Mucida (2006) conclui:

(...) mesmo que o sujeito do inconsciente não envelheça, há um real do corpo que envelhece, e isso não implica um encontro com o cadáver ou com a morte. (...) Perdermos mais pessoas à medida que envelhecemos, bem como diferentes laços sociais, exigindo mais trabalho de luto, mais inscrições simbólicas. Então, a **velhice**, enquanto **um dos nomes do real**, impõe o luto, bem como novas formas de atualização. (p.56). (grifo próprio).

Desse modo, percebe-se que a velhice, na concepção de Mucida seria o momento de desencontro entre um sujeito que deseja, independente da passagem do tempo, com um tempo que passa e deixa as suas marcas. Tempo esse que indica a impossibilidade de a vida abrigar todo desejo, ou seja, quando a falta passa a faltar. A partir deste embate, atualizador da castração, a velhice é considerada um dos nomes do real. Ela escancararia o real do tempo que passa, do corpo que envelhece, o real da morte. Como a autora coloca, a velhice traria a cola com um real difícil de suportar.

No entanto, não se trata aqui de definir a velhice como o momento **exclusivo** de cola com o real, como o discurso social tenta acenar. A velhice dentro de uma sociedade onde se valoriza o corpo e a imagem, ganha a forma de um dos nomes do real, um deles, não exclusivo – como Mucida aponta em sua obra. Em outras palavras, a velhice expõe o real, mas a exposição do real não é própria da velhice, é só mais uma forma.

Sendo assim, retomando o questionamento inicial sobre se existira uma definição de velhice e, se sim, qual seria, reflete-se sobre alguns pontos da tese de Mucida (2006): Primeiramente, vê-se que a obra em questão coloca em relevo não o velho como definido socialmente, mas o sujeito do inconsciente, ao

qual o desejar é eterno. Dessa forma, o olhar para a velhice ganha maior amplitude e, principalmente, o foco sobre o sujeito, destacando-o dos significantes sociais como o da decrepitude humana. O velho, nesta concepção, deixa de ser velho e passa a ser sujeito desejanter, concepção adotada no presente trabalho.

Posteriormente, pode-se refletir sobre a possibilidade apresentada pela autora de se vivenciar a velhice aos 20 e aos 90 anos. Isto indica que há algo nesta experiência que não diz respeito a um envelhecimento biológico. Há algo a mais nesta vivência chamada de velhice... Seria isto um indicador da impossibilidade de definição da mesma ou da definição da mesma como um tipo de vivência humana a qual todos passam em diversos momentos da vida? Por que se usaria o mesmo significante para experiências diferentes?

Além disso, reflete-se em relação ao apontamento da autora acerca dos projetos de vida em cada um destes momentos (20 e 90 anos). Em cada instante da vida e não somente na velhice dos 90 anos existe sempre um ou mais projetos inviáveis. Por exemplo, o de realizar um mestrado a quem não possui ainda graduação. Assim, o luto do que poderia ter sido seria uma experiência aberta também aos sujeitos de vinte, quarenta anos, contrariamente ao que a autora defende. Ou melhor, não seria aberta ao sujeito, independente de sua idade, já que a cada escolha feita sempre se perde outra?

Por fim, coloca-se em questão a velhice como momento de embate entre o tempo que passa e o inconsciente atemporal que, por uma cola com o real do tempo e do corpo que envelhece, resultaria na atualização da castração. Um sujeito que passa por uma sobrecarga de real de outro tipo, em outro momento que não o do envelhecimento biológico, poderia passar pela mesma problemática. Por exemplo, um jovem que se vê em um processo de luto pela morte de um ente querido poderia entrar em contato com o limite ao qual todos nós somos estruturalmente expostos, a castração. E, a partir de então, passar pela vivência descrita por Mucida (2006) de percepção de que a vida nunca abrigará todo desejo, podendo ser finalizada a qualquer momento. Não seria esta uma vivência possível? Se a velhice é somente um dos nomes do real, por que outros momentos de cola com o real não poderiam gerar tal desencontro e serem qualificados como velhice, independentemente da idade?

## 6. TEMPORALIDADE DO SUJEITO DO INCONSCIENTE

Tudo está banhado por uma luz antiqüíssima e ao mesmo tempo acabada de nascer. Nada mudou, mas mudaram-se os olhos. Portanto, tudo mudou. (ALVES, 2007, p. 15).

Para que se possa propor uma visão de velhice, a partir dos questionamentos até então levantados, e sua relação com a temporalidade, torna-se imprescindível, primeiramente, aprofundar como a psicanálise, de viés lacaniano, concebe a relação do sujeito com o tempo. Posteriormente, a reflexão do que seria (e se existiria) uma vivência particular do tempo no que se conceber de velhice.

### A) TEMPO CRONOLÓGICO, ATEMPORALIDADE INCONSCIENTE E TEMPO LÓGICO DO *A POSTERIORI*

Teorizar sobre a temporalidade – relação do sujeito com o tempo - dentro da concepção lacaniana requer repensar algumas noções comuns acerca do tempo, sendo algumas delas já apresentadas na introdução a partir de outras correntes de pensamento. Primeiramente, faz-se a distinção entre o tempo cronológico e o tempo do sujeito do inconsciente. O tempo contado e pré-estabelecido do relógio nada diz sobre a vivência de cada sujeito em relação a esse tempo que passa.

O tempo passa, é claro, irreversível, segundo a sucessão do antes ao depois, da vida à morte. **Para o sujeito do inconsciente**<sup>15</sup>, todavia, desde sua constituição pelo significante, o presente se

---

<sup>15</sup> Grifo próprio.

passa na antecipação de um futuro marcado por aquilo que do passado não é mais: um “pode ser” delinea-se a partir de “poderia ter sido”. (FINGERMANN, 2008, p.09).

Como a autora acima aponta, há sim o transcorrer do tempo, tempo da consciência, onde há tal referência. Todavia, no âmbito do sujeito, o cronológico adquire outra lógica, fazendo com que passado, presente e futuro sejam compreendidos para muito além do que as próprias palavras indicam. Isto é, há o **tempo que passa**, tempo da consciência, mas há ainda, dentro da abordagem freudo-laciana, o tempo da **atemporalidade inconsciente** e o **tempo lógico do a posteriori**.

Há um tempo marcado pelo atemporal, nomeado por Lacan de real ou impossível, tempo do inconsciente, tempo do sujeito que não envelhece. Existe um tempo que passa e cessa de escrever, nomeado de *necessário*. Por fim, um tempo que funciona como *a posteriori*, permitindo novas inscrições, marcado pela contingência, aberto a novas posições diante do impossível. (MUCIDA, 2006, p.54).

O tempo do inconsciente. Para que se possa compreender este aspecto da temporalidade é preciso primeiramente explicitar a concepção freudiana retomada por Lacan. Segundo Mucida (2006) há duas idéias de inconsciente em Freud: “*Há um inconsciente que se mostra pela cadeia significativa e um outro que, apesar de impor seus efeitos e sofrer outras inscrições, não se modificará e não se traduz.*” (p. 48). Sendo assim, o inconsciente é atemporal, já que existem traços inscritos que jamais se apagarão, sofreram apenas rearranjos, sem se perderem com o tempo.

Assim, o inconsciente, ao mesmo tempo, tem o caráter de permanência e de mutabilidade. Há uma marcação fixa que nunca se dissolverá e nunca conseguirá ser traduzida conscientemente, ser significada. É o traço do recalque originário, intraduzível – nomeado por Lacan como da ordem real. Isto é, haverá sempre um real que escapa à linguagem. Todavia, o intraduzível atrairá, como um pólo, outras inscrições que buscarão, através da linguagem, sentidos que se aproximem do sentido perdido, sofrendo rearranjos. Esse real pode ser

atualizado através da modificação da posição do sujeito em relação ao mesmo, ou seja, *novas posições diante do impossível*.

Nesta atemporalidade e temporalidade calcada em algo atemporal, delinea-se um importante aspecto da tese freudiana: “(...) *a concepção de indestrutibilidade do desejo - extensivo aos processos inconscientes - que não estão submetidos aos desígnios do tempo.*” (TEIXEIRA, 2008, p. 105). A via do desejo, portanto, sempre estará aberta ao sujeito, independente da passagem cronológica do tempo e do envelhecimento biológico do corpo.

As marcas inconscientes que se mostram nas entrelinhas da cadeia significativa poderão ser reescritas no *a posteriori*. O tempo do *a posteriori* é antes de tudo *lógico*. Os traços anteriores atrairão os posteriores, sendo no *a posteriori* que este futuro anterior terá o seu sentido concluído, processo dentro de um tempo lógico.

Segundo Teixeira (2008), Lacan em 1945 em “*O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma*” modula o tempo lógico em três escansões (divisão do tempo em momentos que deverão ocorrer em determinada ordem, porém, em indeterminado tempo): o **Instante de Ver**; o **Tempo de Compreender**; e o **Momento de Concluir**. Estes momentos configurariam retomadas da questão estrutural, explorações da estrutura de relação com o Outro, isto é, quando o sujeito se encontra com o seu saber sobre a castração.

Lacan nomeia em Radiofonia de ‘a foice do tempo’ (la faux du temps / il faut du temps) essa experiência de se deparar mesmo sem o saber com o já que estava lá desde o ‘instante de ver’ a falta e a castração do Outro. (SCHERMANN, 2008, p.229).

Instantes de Ver são então tempos onde novos traços atualizam a marca primordial fundante do sujeito: a castração. Momentos de encontro com os limites, com o não-todo, ou melhor, com aquilo da via do desejo que marca a impossibilidade do pleno, da certeza, da significação do real. Diante da falta de significação, no momento de concluir haverá, assim, a certeza de uma certeza sempre incerta, de um saber sobre nós mesmos sempre furado. Momento,

portanto, do sujeito se saber barrado, dividido, e ver nisto a condição de sustentação de uma subjetividade desejante.

(...) É preciso tempo para fazer-se ser, para habituar-se ao ser.  
(...) Lacan já nos dizia: é preciso tempo para se chegar ao momento de concluir! Estamos falando do surgimento de uma subjetividade que vai acontecendo segundo os tempos futuro anterior e a posteriori. (CHATELARD, 2008, p.10).

O tempo lógico é o tempo do sujeito, tempo fundamental. Este é único, indeterminado previamente, composto de momentos que podem durar de minutos a anos. É neste tempo que se opõe ao cronológico que a significação configura-se no a *posteriori*. Cada traço de cada novo Instante de Ver permanece inconsciente, atraindo os traços do futuro. Com o tempo devido e subjetivo de compreender, o sujeito chega ao momento de concluir, onde neste a *posteriori* um sentido será dado ao anterior. Estes instantes de ver são, então, momentos de reposicionamento subjetivo. Quando se alcança o saber de um futuro anterior. “*Em termos temporais, sabemos o quanto é precioso para a psicanálise a referência ao futuro anterior, no só-depois da elaboração simbólica.*” (CHATELARD, 2008, p.10). Tais constructos teóricos trazem implicações.

## B) PASSADO/PRESENTE/FUTURO

Tomadas tais considerações acerca do conceito lacaniano, as noções de passado/presente/futuro se delineiam diferentemente da forma à qual são comumente apresentadas. A história de um sujeito não mais constituirá uma soma de fatos passados e encerrados em seu tempo de acontecimento. Partindo-se do pressuposto de que o passado recordado é sempre re-atualizado e re-significado, a história deixa de ser A história do sujeito e passa a ser várias “*histórias vivenciais*” (GOLDFARB, 1998). Isto é, cada acontecimento significativo no presente atualiza retroativamente experiências passadas e “*faz surgir novas*

*histórias para o mesmo sujeito.*" (GOLDFARB, 1998, p.66), lançando-diferentemente ao futuro.

Segundo Lacan, *apud* GOLDFARB (1998) "A *história não é o passado. A história é o passado, historizado no presente porque foi vivido no passado.*" (p.66). Dessa forma, memória deixa também de ser um acumulado de lembranças, passa-se a conceber "uma memória não de fatos com sentido e coerência lógica, mas de acontecimentos com a possibilidade de produzir efeitos de sentido e significação no presente." (GOLDFARB, 1998, p.66). Isto é, traços inconscientes que buscaram sua significação na cadeia significante.

Assim, passa-se a conceber passado/presente/futuro em uma nova interação. O passado nunca será algo encerrado, pois poderá sempre ser re-significado no presente. Ao mesmo tempo, atrairá os acontecimentos do presente/futuro, na forma de repetições atualizadas, e o futuro, para o qual nos lançaremos neste presente/passado. Nesta trama temporal "(...) *cada experiência significativa deixa sua marca que guardará uma relação de causalidade com um acontecimento antes e com um efeito posterior.*" (GOLDFARB, 1998, p.67).

Portanto, o **passado** deixa de ser algo concluído, o **futuro** contingente ao passado, e o **presente** no limiar do novo e do já marcado. Assim, em um efeito de retroversão, no presente do *a posteriori* dá-se o sentido ao futuro anterior. O passado torna-se, assim, sempre vivo, podendo sofrer novas transcrições. E o tempo do inconsciente atemporal seria aquele onde se presentifica o desejo que não morre. Desse modo, ocorrem a cada Instante de Ver, muitos Tempos de Compreender e, conseqüentemente, novos Momentos de Concluir sobre o saber que ali já estava marcado inconscientemente.

### C) *TIME IS MONEY*: TEMPORALIDADE CAPITALISTA

No decorrer desta tese foi apresentada a velhice no âmbito do sujeito e do discurso social. Também desta forma a temporalidade deve ser pensada. Isto se

faz necessário devido às implicações que este tem na vida do sujeito contemporâneo. Até então, abordou-se a temporalidade estrutural do sujeito do inconsciente. Coloca-se aqui a questão: é preciso tempo para ver, compreender e concluir. Porém, como isto ocorre em uma sociedade capitalista onde o sujeito é consumido – e consome - pelo tempo e se vende a falsa conclusão da possibilidade do pleno?

Mucida (2009) define esta temporalidade própria do discurso capitalista:

Tempo bizarro que, procurando apagar o inapreensível e apresentando-se como factível e assimilável, produz sujeitos 'enlouquecidos' pelo tempo, tomados pelo tempo, sem tempo... Objeto a ser consumido, precioso e *agalmático*, o tempo é regido por uma contradição fundamental, quando não têm o querem, ao tê-lo devem consumi-lo. (p. 81).

O tempo também se transforma, assim, em mercadoria. Sua subversão é tamanha que é colocada contra o sujeito, sendo utilizada para escamotear a falta. Justamente o que demarca a finitude é subvertido em mercadoria, mascarando a mesma. Isto traz implicações ao sujeito contemporâneo. Gonçalves (2008) arrisca uma reflexão, análise primeiramente empreendida por Lacan, que contribui com as questões acima levantadas:

Sem tempo de compreender, perdido nos imperativos da rentabilidade, da produtividade, da competitividade, o sujeito fracassa como desejante, para atender o que é exigido pelos agentes sociais dessa época, ao preço da exclusão de sua subjetividade, único lugar de onde pode produzir uma significação nova, arriscar uma conclusão antecipada, advir no exercício do seu desejo que o transforma e coloca como um fazedor de história. (p.164).

No discurso dominante atual, a temporalidade é ligada à produtividade. Para que esta lógica se mantenha, a subjetividade precisa ser excluída e, conseqüentemente, cada sujeito se identificar com o TODOS. Se o sujeito assim age, respondendo aos significantes sociais, deixa de lado o que o torna único: seu desejo. Pode-se tomar como exemplo o aumento do uso de antidepressivos

que hoje se observa. Ao sujeito é retirado o tempo de compreender e, conseqüentemente, o tempo de sofrimento e luto. Diante do real da perda, do corpo, o sujeito vai ficando sem recursos de simbolização.

No que se coloca socialmente como velhice, a situação torna-se ainda mais questionável. Àquele ao qual a capacidade de produção não é mais possibilidade, resta o lugar do não desejar. Não se pode enxergar em um indivíduo, ao qual é dada a mortalidade a existência de um sujeito que deseja. Ver na morte o desejar é perceber que todos nós, enquanto humanos e desejantes, somos também condenados a ela.

Assim, só se guarda lugar nessa sociedade para o tempo do novo, já que conceber a inscrição do sujeito em uma temporalidade é assumir a condição efêmera da existência humana. O sujeito marcado pelo tempo passa a ser circunscrito no passado, "*no meu tempo...*". Único lugar possível para a história e a subjetividade, o lugar encerrado do ultrapassado.

Desse modo, vê-se a importância de resgatar o sujeito do inconsciente mergulhado no discurso social. Resgatar a indestrutibilidade do desejo e a possibilidade de este poder sempre ser revestido; resgatar a subjetividade do tempo lógico, dando tempo próprio - e não mercantilizado - ao sujeito. Em outras palavras, colocar em cena a inscrição do sujeito no tempo que passa, retorna, atualiza, reformula. Temporalidade que traz em si aquele saber que sempre esteve lá, o saber sobre a castração.

## 7. SENTIR-SE VELHO: INSTANTES DE VER

Amo os crepúsculos. Ajudaram-me a amar o rio, o tempo que passa. Rios e crepúsculos são a mesma coisa. A revelação poética me veio quando me percebi velho, mas descobri também que o crepúsculo morou em mim desde que eu era menino (...). As cores e o tempo do crepúsculo me tornaram-me um pouco mais sábio. Para ficar sábio é preciso ser discípulo da morte. (ALVES, 2007, p. 62).

É comum o relato do “sentir-se velho” nas diversas idades. Bobbio (1997) é um deles, que expressa a sua velhice quando jovem:

Biologicamente, considero que minha velhice começou no limiar dos oitenta anos. No entanto, psicologicamente, sempre me considerei um pouco velho, mesmo quando jovem. Fui velho quando era jovem e quando velho ainda me considerava jovem até a poucos anos. Agora penso ser mesmo um velho-velho. (p.18).

Com alguns autores viram-se diversas propostas de definição da velhice. Em Messy (1993), a hipótese do desequilíbrio entre perdas e aquisições e o estádio do espelho quebrado como alguns marcadores. Goldfarb (1998), por sua vez, traz a consciência de finitude e limitações corporais como definidoras da subjetividade especial da velhice. E, por fim, Mucida (2006) que coloca a velhice como momento de embate entre o tempo que passa e o inconsciente atemporal que, por uma cola com o real do tempo e do corpo que envelhece, resultaria na atualização da castração.

Discutiu-se, também, neste percurso a diferença do sujeito da psicanálise para o organismo da medicina e o indivíduo das teorias do desenvolvimento. O sujeito do inconsciente não é definido por um corpo biológico, porque este é simbólico, real e imaginário e, portanto, não é definido por uma idade ou condição. O sujeito desejanste é um ser de linguagem.

Partindo dos questionamentos suscitados pelas hipóteses apresentadas propõe-se, então, uma concepção de velhice. Primeiramente, deve se tornar clara a impossibilidade de enquadramento do sujeito em uma categoria – como a de idoso, por exemplo –, tendo em vista que isto acarretaria exatamente no que o discurso capitalista se empenha em realizar: a exclusão da singularidade do sujeito desejante. Sendo assim, definir um tipo de vivência para aqueles que alcançam os 60, 70, 80... anos é corroborar com a exclusão do sujeito. A psicanálise possui o movimento oposto, ela resgata o sujeito do inconsciente e sua cadeia de significantes particular e trabalha com este.

Categorias não contemplam a imensidão da subjetividade. Porém, existem diversos estudos que visam ao aprofundamento do que seria particular à vivência da velhice, como vimos com os autores acima mencionados. Questiona-se: há algo particular à vivência daqueles que com o passar dos anos são chamados de velhos? Não estaria esta visão ainda atrelada ao envelhecimento biológico?

Partindo-se de um posicionamento que tem como foco principal o sujeito do inconsciente não haverá, portanto, algo exclusivo a um período da vida, mas somente os sentidos de cada sujeito atribuídos a cada período. Há, obviamente, o real de um corpo que envelhece e que aos poucos nos vai assinalando a existência do real, ao qual o significante não dá conta. Todavia, esta é apenas uma das condições pelas quais o real se expressa. O corpo que sofre as transformações do tempo, velhice, é só um dos nomes do real. Não é porque este corpo denuncia o que o simbólico não dá conta que o encontro com o real é próprio ao velho.

Bobbio, além de muitos autores, de observações do cotidiano e da clínica mostram como o sentir-se velho não é necessariamente contingente ao que esta sociedade nomeia de corpo velho. Por que se usa o mesmo significante? A resposta a esta pergunta só é possível sob a luz de uma cadeia particular de significantes. Todavia, nota-se como o ser velho é comumente associado ao saber sobre a própria mortalidade. Isto indica que há algo nesta experiência que vai além, há a nomeação de uma condição estrutural do sujeito.

Assim, propõe-se uma leitura da velhice não como categoria ou definição de um tipo de vivência decorrente do envelhecimento biológico, mas como momentos que ocorrem durante **toda** a vida. Velhice como momentos de

encontro com o real da morte, quando aquilo que se finge não saber se escancara. Há o encontro com um saber que sempre esteve lá. Saber não simbolizável, mas que provoca um reposicionamento subjetivo, instante de ver que permite novo compreender e concluir. Em outras palavras, **Sentir-se velho como Instantes de Ver.**

Desse modo, a entrada na velhice não poderia, desta forma, ser definida pela idade, pelo cabelo branco, mas por mais este reencontro com a falta. Estes instantes de ver ocorrem durante toda a vida, em diversos momentos, épocas e idades. Sendo esta experiência marcada, assim, pelo reencontro do sujeito com a sua estrutura faltante, com a castração, ou seja, com as limitações em vida e da vida. Sentir-se velho como tempos de embate com o real do tempo, do corpo, da vida, da inevitável morte, isto é, Instantes de Ver que provocam resignificações.

## A) TEMPORALIDADE (NA VELHICE...)

Dentro da perspectiva abordada anteriormente que coloca como foco o sujeito do inconsciente e o seu encontro com o saber sobre a falta, aborda-se diferentemente temporalidade. Com a concepção de sujeito único não haverá, portanto, a temporalidade da velhice, mas a temporalidade de cada sujeito. Isto é, tal vivência não é particular a qualquer idade ou condição.

Um sujeito aos vinte anos em um Instante de Ver pode passar pela experiência de sentir seu futuro estreitando-se, do mesmo modo que um de oitenta anos pode experienciar a intensificação do presente diante de um mesmo Instante. O sentido que se dá ao passado/presente/futuro só pode ser compreendido junto a um sujeito, não se configurando uma forma própria a algum período da existência deste.

Não obstante, a própria concepção de temporalidade abordada anteriormente reafirma como a experiência do tempo é particular, pois, já que

além do tempo que passa e deixa suas marcas, há um atemporal e lógico. Atemporalidade inconsciente, âmbito da mais profunda singularidade e tempo lógico, definida pela subjetividade individual, sendo ambos marcados pelos traços únicos e próprios constitutivos do sujeito.

Abordadas todas as considerações e proposições teóricas, discutiu-se o aspecto estrutural da vivência do tempo e da velhice. Todavia, o sentido que a eles se dá só poderá ser contemplado suficientemente à luz da cadeia significativa própria de cada sujeito. É nesta linha que se pautará o próximo capítulo, onde neste *a posteriori* se realizará uma aproximação do sentido de temporalidade e de velhice para Rubem Alves, ao longo de sua vida.

## 8. TEMPO E VELHICE EM

### *AS CORES DO CREPÚSCULO: A ESTÉTICA DO ENVELHECER*

Rubem Alves<sup>16</sup> (2007), em sua obra *As Cores do Crepúsculo: A Estética do Envelhecer*, descreve de forma poética e sensível a sua vivência de velhice. Não se buscará aqui um enquadramento da vivência de Alves na teoria já apresentada, mas a relação e, acima de tudo, a forma como se subjetiva a teoria apresentada, a partir de tal vivência da temporalidade e da velhice. Por exemplo, como Alves vive o momento do Espelho, de se reconhecer como velho? O que é particular do autor nesta experiência descrita teoricamente? E o encontro com o real, com a morte, como se dão para Alves? Quais Instantes de Ver, por quais reposicionamentos subjetivos ele passa/passou?

A autobiografia em análise não é linear e cronológica, mas lógica. A obra é composta por seis seções, compostas por diversos capítulos cada, nas quais facetas do envelhecer são abordados. Sendo assim, buscar-se-á aprofundar alguns aspectos mais relevantes de cada seção para a presente tese. Para tanto, além da reflexão, utilizar-se-ão diversas citações do autor, para que não se perca a riqueza de seu tesouro de significantes.

Na primeira, intitulada (1) "*Um Certo Olhar...*", o autor aborda o momento em que se percebeu velho, a mudança de olhar, a estética de seu envelhecer e a constatação de que na experiência de revelação da velhice algo sempre esteve lá: o olhar crepuscular existe, desde sua meninice.

Alves relata o primeiro encontro com a sua velhice: estava no metrô, em pé, e aproveitou a oportunidade para observar os rostos que ali estavam, quando seus olhos se encontraram com os de uma jovem. Estes olhos lhe sorriram e o autor sentiu-se belo, o sorriso lhe garantia que a jovem havia visto uma imagem de beleza nele. Então veio a revelação:

---

<sup>16</sup> Neste capítulo, sempre que houver a referência a Alves, diz-se desta obra de 2007, "*As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*".

Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma. Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e me ofereceu o seu lugar... E a bolha mágica de felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza... Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria! (...) a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. (...) Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo (...) E de repente eu me vi como nunca me havia visto, iluminado por uma luz diferente, uma luz crepuscular. (ALVES, 2007, pp. 19-20).

Com a imagem antecipada pelos olhos da jovem, Alves se descobriu velho. Poder-se-ia chamar esta experiência de Espelho Quebrado, à qual Messy (1993) descreve como o retorno de uma imagem fragmentada, onde o sujeito não se reconhece, provocando horror. “[a imagem] *não me causou tristeza. Causou foi medo. Fiquei com medo de que a imagem tomasse conta de mim, se apossasse do meu corpo, pois então eu estaria perdido.*” (p. 22). Percebe-se no discurso de Alves o susto e a raiva com a imagem crepuscular encontrada, imagem que não desejava.

Todavia, começa a se delinear nesta imagem uma beleza... De outro tom, crepuscular. A vivência de beleza da velhice começa a ocupar lugar de destaque, uma abertura para um novo tipo de percepção, um novo olhar se desenvolve e o susto do espelho torna-se apenas a porta de entrada. Percebe na imagem uma beleza refletida, onde uma nova imagem se forma, na qual o momento e o eterno aparecem ao mesmo tempo: o **crepúsculo**.

E pensei então que a velhice é o Ser, quando iluminado pela luz crepuscular. E com isso arranquei a velhice das engrenagens do tempo – da cronologia, da biologia, da geriatria – e ela se me revelou como aquele jardim encantado (...). A velhice como crepúsculo – a velhice como Beleza, uma criatura estética. (ALVES, 2007, p. 24).

Assim, percebe-se o sentido de **velhice** para o autor, que logo se entrecruza com a sua temporalidade. Ele passa por um reposicionamento subjetivo. Isto é, diante do real do corpo que envelhece e dos significantes de

horror e tristeza que possam ser a ele atribuídos – próprios das ciências -, Alves subjetiva a sua vivência, torna-a própria.

O autor desprende-se da cronologia do tempo e passa a olhar a velhice como um momento de beleza especial, onde o eterno e o efêmero revelam-se a ele. Velhice, crepúsculo que acena para o anoitecer, a morte, mas que encarna a Beleza. Justamente a Beleza, porque esta é uma experiência que só é definida enquanto tal, porque acaba, tem fim. Como o autor coloca: o que seria uma música, um beijo se não tivesse fim? Insuportável, diz ele. Por isso une a eternidade e o que passa. Carrega sempre em si a alegria do que é e a nostalgia do que não mais será. Com a significação da velhice, resignifica, desse modo, a sua temporalidade.

Este caráter estético da velhice revela o seu momento de concluir. Ao se deparar com o real do corpo velho, instante de ver, compreende em seu tempo e conclui o que está subjacente à beleza do crepúsculo. Tudo para ser belo, ter gosto, ter vida e desejo precisa de um fim. E é este encontro com o limite e falta da condição humana que não lhe é novo. Com a velhice houve a revelação poética da beleza do eterno e do efêmero, resignificando o tempo. Mas neste *a posteriori* da velhice percebe que o encontro com o crepúsculo ocorre desde menino:

Passada a surpresa estética da descoberta da velhice como crepúsculo, dei-me conta de que aquilo que eu via pela primeira vez era o que eu sempre tinha visto. Ao final de minhas explorações eu retornava ao lugar de onde partira. O crepúsculo morava sempre dentro de mim. Ainda menino, eu já tinha um olhar crepuscular. Aquilo que eu via era, na realidade, o que eu sempre fora. Isso explicava a incompreensível nostalgia que sempre me acompanhara. O gosto pela solidão. O medo de morrer. O desejo de morrer. A vontade de chorar diante da beleza. A necessidade de deuses que retardassem o sol... (Alves, 2007, p. 39).

Revela-se, assim, a velhice como Instante de Ver, abordada no capítulo anterior. Momento em que se depara com a estrutura e se percebe finito. Finito em condição, eterno no desejo, eterno enquanto finito. Desse modo, vê-se em Alves que o encontro com a morte, o fim, a noite que dá cor ao crepúsculo, dá-

se desde menino. Desde então, já desejava que o tempo não passasse, sentia a nostalgia. Velhice para Alves é o retomar o que sempre foi: **Ser velho, ser crepuscular, ser humano.**

Em (2) "A comunhão", a seção seguinte, reflexões sobre a beleza e a tristeza, sobre a possibilidade de contemplar a morte/abismo sem ser por ela destruída, ou seja, de viver e amar diante do rio incerto e fluido da vida são tratadas pelo autor. Comunhão, beber a taça da vida até o fim, aproveitando os sabores que dela advém.

A partir do momento em que Alves se reconhece como ser sempre crepuscular, assume-se como um discípulo da morte. Pois, no crepúsculo, a morte revela-se bela e triste, bela pela vivência eterna do momento e triste porque marca a efemeridade do mesmo. Recusa-se, assim, a virar as costas para o que o crepúsculo indica: a morte. Destaca a importância de encarar a morte de frente, o horizonte, para então poder perceber a beleza do momento.

Também nós, um dia [morreremos]. A lição da poesia é que é preciso contemplar o crepúsculo no horizonte para sentir a beleza incomparável do momento. (...) Beba cada momento até as últimas gotas. É preciso olhar para o abismo face a face, para compreender que o outono já chegou e que a tarde já começou. Cada momento é crepuscular. (...) Porque sabedoria é isto: contemplar o abismo sem ser destruído por ele. (ALVES, 2007, p. 58).

O abismo é o fim do momento, da vida. Alves aqui revela o sentido que dá à mortalidade – crepúsculo que sempre o acompanhou. A partir da constatação da finitude, vive intensamente o momento, o que realmente possui. Expõe: "*São apenas duas as coisas que a morte nos diz de sua beleza crepuscular, resumo de toda sabedoria: Tempus fugit [Tempo foge], portanto, Carpe diem [Colha o dia]. E aqueles que sabem disso voam como os pássaros ao cair da noite.*" (ALVES, 2007, p. 63). Percebe o sentido e a beleza de sua existência na eternidade do momento. Diante da morte, o desejar...

Aqui termina a estória.

Há morangos que se comem sobre o abismo.  
Balões que só sobem ao crepúsculo.  
E belezas que só existem no outono.  
É preciso beber a taça, até o fim. (ALVES, 2007, p. 54).

É preciso viver até o fim cada crepúsculo para colher nele a vida. Sem o fim não há o gosto do que se bebe na taça. Essa é a vivência do autor. Percebe-se aqui uma concepção de morte para muito além da biológica, como discutido anteriormente. Somente no campo da linguagem e do sentido, a morte pode significar para o sujeito a eternidade do que passa.

Na seção (3) "*Envelhe-sendo*", Alves aprofunda o seu ser velho. Expõe o seu medo não da morte, mas de morrer e o sentido da vida alocado não no tempo cronológico, mas enquanto possuir a capacidade de sentir alegria. Descreve a liberdade de se poder ser o que se é, livrando-se da prisão do olhar do outro e o retorno à condição de criança: viver a inutilidade, a alegria do brincar. E por isso, quer até o fim de sua vida a fome, tem fome da fome, ou seja, sempre desejar, porque ama viver.

Em (4) "*Sobre Violinos e Chinelos Trocados*" o autor destaca a presença, também na velhice, do amor, da paixão e da ternura da beleza do sexo na velhice. A possibilidade do prazer e do desejo na velhice. Revela, assim, a indestrutibilidade do desejo.

Na penúltima seção (5) "*Inutilidades*", Alves reafirma o prazer e a alegria da inutilidade, a pura alegria de ser. Reafirma o direito de sonhar, de desaprisionar o corpo e a alma. Mostra a necessidade de voltar a ter os olhos de criança, sábia por não saber o que é o ridículo. O autor, desta forma, expressa o desejo de se desprender do olhar do outro.

Por fim, em (6) "*Mundos Novos são Gerados*", o autor aborda o real da doença, emissária da morte, responsável por acordar os sentidos, dando a beleza efêmera da vida. A doença dá a sensibilidade dos artistas. Descreve a solidão, onde mundos novos são gerados, cenários da alma de sentimentos indizíveis.

Finalizando a obra, ainda nesta sessão, Alves revela o grande sentido de sua vida, percebido sob o olhar crepuscular, a resignificação da **temporalidade**:

a felicidade não está em um futuro a ser alcançado, mas na eternidade do momento.

O sentido da existência aloca-se, como nunca, na vivência intensa do presente, o que Alves atribui à sabedoria da velhice. Na juventude e vida adulta, haveria a esperança de uma felicidade de se alcançar algo desejado, sempre no futuro. Na velhice, percebe que a felicidade está nos momentos vivenciados como felizes no agora. O que se busca nunca será alcançado – encontro com a falta estruturante. Tem a representação poética desta vivência temporal em sua velhice, mas atribui tal vivência ao sentido da vida, como um todo.

Portanto, Alves dá sentido à sua velhice, não deixando o desejo se apagar, vivendo-o nas inutilidades da vida, no brincar, no refletir... Olhando de frente para a morte, investe todo o desejo que possui em cada momento, vivendo-o como se fosse o último. Sabe agora que tudo tem fim e vê que a beleza, o prazer, a felicidade não existiriam sem o fim. Alves mostra o sujeito do inconsciente, do desejo vivo, e, ao mesmo tempo, sempre barrado. Em seu momento de concluir, vê a Beleza diante da morte. A Beleza do crepúsculo diante da noite que se aproxima e que se aproximou a vida inteira.

Alves, ninguém melhor para definir a vivência da sua velhice e temporalidade, conclui:

Senti que o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor por que passamos. (...) Há momentos efêmeros que justificam toda uma vida. (...) Vivemos no tempo, é bem verdade. Mas é a eternidade que dá sentido à vida. (...) Compreendi, então, que a vida é uma sonata que, para realizar a sua beleza, tem de ser tocada até o fim. Dei-me conta, ao contrário, de que a vida é um álbum de minissonatas. Cada momento de beleza vivido e amado, por efêmero que seja, é uma experiência completa que está destinada à eternidade. Um único momento de beleza e amor justifica a vida inteira. (ALVES, 2007, pp. 162-163).

Velhice e Temporalidade para Rubem Alves podem ser, assim, resumidas em uma frase: **a Beleza do crepúsculo**.

MOMENTO DE CONCLUIR...

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao Momento de Concluir. Momento que não se encerra aqui, mas permite a abertura para novos Instantes de Ver, inaugurando novos Tempos de Compreender. A conclusão sempre abre para novas compreensões no *a posteriori*...

---//---

Iniciou-se a presente tese com a discussão sobre como a velhice é concebida sob diversos vieses de compreensão, através de uma revisão bibliográfica. Idoso como categoria social, velho como o âmbito das perdas e da crise, sendo jogado no passado, exclusão simbólica social, mas também velhice como possibilidade de desejo, flexibilização psíquica e criação foram alguns dos aspectos abordados. Estes indicaram a necessidade de resgatar o sujeito por detrás dos rótulos e teorias, o sujeito da velhice e, mais além, o sujeito do inconsciente. Assim, a partir das reflexões e críticas realizadas, formulou-se a questão: **como o velho vive a relação passado-presente-futuro dentro da concepção lacaniana de tempo lógico do *a posteriori* e da atemporalidade inconsciente?**

Para tanto, buscou-se aprofundar o que seria a velhice. A compreensão seguiu dois caminhos. Primeiramente, a (1) *velhice no âmbito dos discursos capitalista e médico/organicista*. Analisaram-se os significantes sociais atribuídos aos chamados velhos e, conseqüentemente, o lugar social que lhes é reservado.

Percebeu-se, como eixo central da análise, que na velhice são depositadas condições estruturais dos seres de linguagem. A ela é transferida a mortalidade e condição faltante humana, pois não só os velhos carregam o peso da morte, todos estão sujeitos a ela, a qualquer instante. Assim, só o velho, o Outro, morre. Em uma sociedade onde há o imperativo do gozo, oferecem-se mercadorias e discursos científicos que busquem, então, tamponar a falta estrutural. Cabe ressaltar que esta tentativa de tamponar a falta vai além da chamada velhice, trazendo efeitos para a vivência do sujeito contemporâneo. A

todos que vivem nesta cultura é oferecida a via do gozo, maquiada de via do desejo.

Este aspecto leva a uma segunda reflexão, talvez, principal: a velhice faz furo neste discurso. Ao denunciar o real do corpo – que foge à capacidade de simbolização – denuncia a estrutura do sujeito: ao ser que adentra a linguagem há sempre um resto, o real, que permanecerá impassível de significação. Desse modo, no discurso capitalista, ao resto real ao qual a linguagem, as mercadorias, as plásticas, as terapias rejuvenescedoras não dão conta, é dado um nome: velho. Questiona-se, então, se o velho não estaria ocupando nesta cultura o lugar do “resto” real, e sendo “resto”, configura-se a sua exclusão.

Sendo assim, reflexões e estudos nesta área ganham destaque especial. Com a crítica ao discurso dominante, pode-se resgatar a condição estrutural do sujeito, desalojando o chamado velho do lugar de resto. Lugar que não o define, mas traz efeitos à vivência subjetiva e à organização dos espaços sociais. Por exemplo, os asilos, onde, na maioria dos casos, há a retirada do velho do espaço social e de sua própria história, apagando os traços de sua subjetividade. A crítica torna-se fundamental, também, para o trabalho do psicólogo que deve atentar para a não reprodução desta exclusão, colocando os pacientes no lugar de sujeito único, apenas.

O segundo viés de compreensão empreendido na presente tese é a (2) *velhice no âmbito do sujeito*. Diferenciou-se o sujeito da psicanálise do indivíduo da Psicologia do Desenvolvimento. Esta define marcas e comportamentos esperados para cada período da existência, dentro de uma perspectiva bio-psico-social. Concepção contrária à de sujeito do inconsciente, único, da psicanálise, sob o viés da linguagem.

Aqui, destacou-se a diferença entre a morte biológica e a morte simbólica. Resgatou-se o corpo e a vida do ser humano, que nada tem de instintual, uma vez que são atravessados pela linguagem. Esta reflexão também merece destaque, já que tal concepção coloca no foco o sujeito do inconsciente, do desejo, que pode se sentir morto em vida, sem o envelhecimento biológico. Isto é, a questão não é o velho e os sinais geriátricos, mas o sujeito.

Se os significantes sociais, as mudanças corporais, a morte biológica e comportamentos esperados não definem o sujeito que viveria a velhice, o que seria, então, a experiência do chamado velho? O que seria a entrada na velhice?

Desta forma, buscaram-se três autores da psicanálise, Messy (1999), Goldfarb (1998) e Mucida (2006), a fim de se aproximar de uma definição de velhice ou particularidade. Após a reflexão e questionamento das teorias apresentadas, algumas possibilidades de vivência da velhice foram contempladas. São elas, respectivamente, velhice como: momento de Espelho Quebrado e desequilíbrio entre perdas e aquisições (investimento objetal), predominando as perdas; subjetividade especial, entendida como consciência de finitude e limitações corporais; e como o momento de desencontro entre o sujeito que deseja, independente da passagem do tempo, com um tempo que passa e deixa as suas marcas, sendo que deste embate a velhice assumiria um dos nomes do real, traria a cola com um real difícil de suportar, o real do corpo.

Cumprе ressaltar, porém, que estas hipóteses descrevem possibilidades, mas não definem a velhice. Os próprios autores acenam para a impossibilidade de definição, porém, contraditoriamente definem algo específico que adviria com o passar dos anos. Vivências essas que podem ser encontradas durante toda a vida do sujeito, como já discutido. A particularidade da vivência encontrar-se-ia no discurso social que atribui a esta um determinado lugar, mas não no sujeito. Constatou-se, desse modo, que a velhice só pode ser entendida à luz da cadeia significativa, particular e única, do sujeito.

A partir destas considerações tornou-se claro que não há uma temporalidade própria à velhice, mas sim específica ao sujeito. Discutiu-se, então, a concepção de temporalidade (nos âmbitos estrutural e social) sob o viés lacaniano para, posteriormente, propor-se uma leitura de velhice. Utilizou-se aqui como referência principal os autores Fingermann (2008) Teixeira (2008), Schermann (2008), Chatelard (2008) e Gonçalves (2008), além dos já mencionados. Primeiramente, diferenciou-se tempo cronológico do tempo lógico do *a posteriori* e da atemporalidade inconsciente. Sendo o cronológico o tempo que passa; o lógico escandido em Instante de Ver, Tempo de Compreender e Momento de Concluir, próprios de cada sujeito e de duração indeterminada – de minutos a anos – que se concluirão no tempo do *a posteriori*; e, por fim, o tempo

do inconsciente, que não sofre com a passagem do tempo, tornando o desejar indestrutível. Torna-se importante ressaltar que os Instantes de Ver são momentos de encontro com a estrutura, com o saber sobre a falta que sempre esteve lá.

Tais teorizações trazem implicações para a compreensão das locuções passado/presente/futuro, que foram abordadas. O passado deixa de ser algo concluído, sendo sempre vivo e podendo sofrer rearranjos; o futuro contingente ao passado; e o presente no limiar do novo e do já marcado. Assim, em um efeito de retroversão, no presente do *a posteriori* dá-se o sentido ao futuro anterior. Desse modo, durante a existência, o sujeito passa por diversos momentos de Instante de Ver que no *a posteriori* tem sua significação fechada.

Esta é uma descrição estrutural da temporalidade. Portanto, cada sujeito a significará de forma singular. A forma como o sujeito vivenciará tal interação temporal definir-se-á como única. Como se vê na presente tese, com a análise da obra de Rubem Alves (2007). Mas antes de se ater a ela, explorou-se também a temporalidade no âmbito social. Questionou-se a temporalidade do "*Time is Money*". Tempo da produção, tempo do Novo, uma vez que aceitar o sujeito como inscrito em uma temporalidade é conceber a existência do efêmero, do que passa e, conseqüentemente, da morte.

Partindo-se das reflexões sobre velhice e temporalidade, propôs-se uma leitura da velhice não como categoria ou definição de um tipo de vivência decorrente do envelhecimento biológico, mas como momentos que ocorrem durante **toda** a vida. **Sentir-se velho como Instantes de Ver**. Isto é, chamar-se-iam de velhice os momentos de encontro com o real e com aquele saber que sempre esteve lá, saber não simbolizável, mas que provoca reposicionamentos subjetivos: o saber sobre a castração. E este encontro dá-se desde o momento em que se constitui como sujeito.

Após as concepções teóricas realizadas acerca de velhice, temporalidade e a proposição de uma leitura sobre o que se chama de velhice, partiu-se para a análise e interpretação da obra "*As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*", de Rubem Alves (2007). Com este autor, pode-se ter acesso a uma forma singular de sentir a temporalidade. Em sua vivência de velhice, percebeu-se iluminado por uma luz crepuscular, luz presente desde menino – a condição

eterna e efêmera da existência. Em seu Momento de Concluir, valoriza o momento presente e aloca nele o sentido de sua existência. Os bons momentos – belos pelo que são e tristes por serem finitos – dão-lhe o sentido da vida. Sabe que tudo passa, tem limite, fim, mas conclui que sem esta finitude os momentos não seriam belos. Velhice é para Alves, assim, a Beleza do crepúsculo.

Com Alves pôde-se ver o encontro com o saber que sempre esteve lá. Diante deste saber, resignifica sua existência passada neste *a posteriori* que vivencia e, pela retroversão de sentido, chega ao sentido de seu viver do passado, do presente e do futuro. O tempo sempre passa.

A tese conclui-se. Torna-se notório após este percurso que, talvez, a maior contribuição que se possa fazer à compreensão do tempo e da velhice – agora compreendida como momentos de reposicionamento subjetivo que ocorrem durante toda a vida – seja o resgate do sujeito barrado, sempre único em suas significações. Sujeito que sofre os efeitos dos discursos da sociedade na qual é inserido, mas que é singular em sua cadeia significante. Sujeito não só único, mas, principalmente, barrado, condição desejante.

Este olhar deve, portanto, estar sempre presente na clínica, para que também o psicólogo não reproduza o discurso capitalista, ferindo a própria ética psicanalítica. O discurso social traz efeitos, mas a via a ser eticamente recuperada é uma só: a via do desejo que – ao contrário do que se comumente erroneamente critica à psicanálise – só existe dentro da lei, do limite, do pacto social. Desse modo, a constante reflexão e crítica sobre a própria prática e a sociedade tornam-se indispensáveis.

Este é o foco. **Desalojar o ser velho da morte, o ser velho do ser crepuscular e resgatar, desse modo, o ser humano.** Ser humano, ser de linguagem, ser finito. É preciso devolver o falo ao seu devido lugar, o do impossível de ser preenchido, seja por mercadorias ou outros tampões. Para isso, muitos instantes de ver são necessários, muito tempo de compreender é preciso... Para, quem sabe, chegar-se à conclusão vivencial de Alves, cada um a seu modo, de que a Beleza (o desejar) define-se na finitude. Afinal, o que seria uma música sem fim, um beijo sem fim, um livro sem fim... Insuportável, nos ensina Alves.

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. **As cores do crepúsculo: A estética do envelhecer**. Campinas: Papirus, 2007.

BERLINK, Manoel. A envelhescência. **Pulsional**: revista de psicanálise, São Paulo, v. IX, n. 91, pp. 5-8, nov. 1996.

BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHATELARD, Daniela Scheinkman. Do tempo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DOS FÓRUNS-ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO, 5, julho/2008, São Paulo (Brasil). **Anais...** pp. 10-11.

COSTA, Ana e POLI, Maria Cristina. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. **Pulsional**: revista de psicanálise, São Paulo, ano XIX, n. 188, pp. 14-21, dez. 2006.

FERREIRA, Ingrid L. Francischetti. **Temporalidade e projetos de vida: a possibilidade de ser-na-velhice**. São Paulo, 1998. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FINGERMANN, Dominique. Os tempos do sujeito do inconsciente. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DOS FÓRUNS-ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO, 5, julho/2008, São Paulo (Brasil). **Anais...** p. 9.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

\_\_\_\_\_. Corpo e temporalidade: aporte para uma clínica do envelhecimento. **Kairós**, São Paulo, v.1, n.1, pp. 103-110, ago. 1998.

GONÇALVES, Delma Maria Fonseca. O tempo lógico e a duração da sessão analítica. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DOS FÓRUMS-ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO, 5, julho/2008, São Paulo (Brasil). **Anais...** pp. 161-164.

LACAN, Jacques (1956-57). **O Seminário. Livro 4: A Relação de Objeto.** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. (1957-58). **O Seminário. Livro 5: As Formações do Inconsciente.** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MANZOCHI, Luíz Antônio. **Aspectos emocionais em relação ao envelhecimento dos freqüentadores de uma Universidade para a Terceira Idade da cidade de Osasco.** São Paulo, 2001. Tese de Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

MARTINS, Joel. Não somos cronos, somos Kairós. **Kairós**, São Paulo, v.1, n.1, pp. 11-102, ago. 1998.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice.** São Paulo: ALEPH, 1993.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: Psicanálise e velhice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. Sob a persistência do real: memória e tempo. **Stylus:** revista de psicanálise, O tempo na Psicanálise II, Rio de Janeiro, nº 18, pp. 73-87, abril 2009.

PACHECO FILHO, Raul Albino. A Psicanálise e as mulheres de "uns tantos ou quantos anos". **Kairós**, Caderno Temático 2 (Piscogerontologia: contribuições da Psicanálise ao envelhecimento), São Paulo, pp. 71-89, ago. 2002.

PEREIRA, Antônio Carlos Amador. **O adolescente em Desenvolvimento**. São Paulo: HARBRA, 2005.

SAURET, Marie-Jean. A Pesquisa Clínica em Psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, v.14, n.3, pp. 89-104, 2003.

SOARES, Flávia Maria de Paula. **Envelhescência e pathos: o lugar simbólico das psicopatologias na velhice**. São Paulo, 2004. Tese de Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

SCHERMANN, Eliane Z. O tempo real na experiência analítica (o que conjuga a entrada e a conclusão da experiência de análise). In: ENCONTRO INTERNACIONAL DOS FÓRUNS-ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO, 5, julho/2008, São Paulo (Brasil). **Anais...** pp. 229-231.

TEIXEIRA, Angélica. Modulação pulsional do tempo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DOS FÓRUNS-ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO, 5, julho/2008, São Paulo (Brasil). **Anais...** pp. 105-108.